

Romance  
regional  
perde  
com a  
morte de  
**Bernardo  
Élis**

O poeta  
**Bos**sa-nova

Viniça



**N**este ano, a população do Distrito Federal estará mobilizada com vistas às eleições. Esta é uma Casa Legislativa, e é natural que o tema traga muita movimentação e debates. Haverá uma salutar alternância nas forças representativas da sociedade que compõem a Câmara Legislativa em 1999. Novas idéias e propostas deverão surgir; entretanto, muito foi feito em prol do Distrito Federal e, em especial, da cultura, pelos atuais deputados distritais.

A criação do Conselho Editorial da Revista DF Letras e a posse de treze Conselheiros, representando as academias, associações, sindicato e agentes culturais, foram, sem dúvida, fatos de grande significação e relevância para a cultura do DF. Empenhamo-nos a fundo para que os escritores de Brasília tivessem assento naquele Conselho Editorial. Foi uma promessa que resgatamos quando assumimos a Vice-Presidência da Câmara Legislativa e de que muito nos orgulhamos: dar voz e vez aos escritores na definição da linha editorial da revista DF Letras.

Mas apenas isso não basta. O Conselho Editorial, legítima reivindicação da classe de escritores do DF, precisa se mostrar consolidado perante os novos representantes da sociedade brasiliense, que, com certeza, farão parte desta Casa no próximo ano. O Conselho vem realizando um trabalho extraordinário, pois a DF Letras adquiriu um padrão invejável em termos de conteúdo e forma, e é inquestionável a qualidade dos textos publicados nela e seu bom acabamento editorial. Entretanto, é imperativo que ele permaneça como um fórum de idéias e debates em benefício da cultura, apartidário e livre de outras influências que venham a desagregá-lo, pondo fim a uma grande conquista.

Aos 38 anos, Brasília atinge um estágio de respeito e consolida sua tradição de cultura, graças aos expoentes que a representam e que encontrarão, sempre, guarida na Revista DF Letras, da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

**Luiz Estevão**

Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF



# A poesia como fator de personalidade de um país

*Creio que o livro veio para ficar, como companheiro indispensável do homem. Metáfora do que afirmo é o Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, em que, após executada a destruição total dos livros existentes no mundo, surge uma sociedade secreta de seres humanos onde cada pessoa encarna, através da memória, o conteúdo de uma obra literária.*

Entrevista concedida a  
**JOÃO CARLOS TAVEIRA**

**E**ste ano comemora-se o cinquentenário da obra poética de Afonso Félix de Sousa, cujos primeiros poemas publicados, escritos a partir de 1945, vieram a constituir sua estréia em livro - *O túnel* - em 1948. Um dos mais importantes escritores goianos em atividade, ao lado de José J. Veiga, Bernardo Élis e José Godoy Garcia, publicou ele, nos anos subseqüentes, outras obras, não só de poesia como também de crônicas e teatro em versos, muitas delas obtendo cobiçados prêmios, como o da Secretaria de Cultura do ex-Distrito Federal, da Academia Paulista de Letras e do Pen Clube do Brasil.

Iniciou ainda adolescente as suas atividades literárias, colaborando na *Folha de Goiás*, *O Popular*, *O Debate* e na revista

*Oeste*, de Goiânia, e foi um dos criadores da revista de novos, *Agora*. O ingresso no Banco do Brasil, ainda na capital goiana, possibilitou a sua transferência para o Rio, aos 22 anos, e a continuação dos estudos, concluídos na Sorbonne, Paris, em 1955. Casado com a escritora Astrid Cabral, professora da UnB e oficial de chancelaria do Itamaraty, e em função do seu trabalho junto à Direção Geral do Banco, várias vezes residiu em Brasília, estando sempre vinculado à vida cultural da cidade, principalmente às atividades da Associação Nacional de Escritores (ANE), da qual foi um dos fundadores.

Como declara nesta entrevista, os anos iniciais de sua vida, passados em Goiás, mais do que os vividos em outros esta-



Bibliografia: *O túnel*, 1948; *Do sonho e da esfinge*, 1950; *O amoroso e a terra*, 1953; *Memorial do errante*, 1956; *Íntima parábola*, 1960; *Caminho de Belém*, 1962; *Álbum do Rio*, 1965; *Chão básico & itinerário leste*, 1968; *Do ouro ao urânio*, 1969; *As engrenagens do belo*, 1981; *Quinquagésima hora & horas anteriores*, 1987; e *À beira do teu corpo*, 1990.



dos e no exterior, marcam a sua poesia, que, por uma contingência de época e em razão do seu relacionamento com poetas do grupo, no Rio de Janeiro, sempre foi incluída na Geração de 45. A propósito, Darcy Damasceno, ao apresentar a edição dos seus livros reunidos, *Pretérito imperfeito* (Ed. Civilização Brasileira, 1976), reconhece



em sua obra "a ânsia de libertação, a insatisfação em face do mundo", marcas distintas dos autores goianos daquela época, características não assimiladas pela maioria dos componentes daquela geração, preocupada que estava com a forma, em detrimento da situação social, para fugir da realidade encampada pelo Modernismo.

**DF Letras - Afonso, há algum tempo a morte do livro foi decretada. Como escritor, qual a sua visão a respeito?**

AFS - O interessante, Taveira, é que essa condenação foi proferida num livro, se não me engano *Galáxia de Gutenberg*, de Marshall McLuhan, na década de 60. Serviu-se assim do condenado para apregoar sua sentença de morte. De lá para cá, nesses últimos trinta anos, o livro só tem feito proliferar, em que pese a proliferação simultânea dos seus congêneres eletrônicos. Creio que o livro veio para ficar, como companheiro indispensável do homem, um não mais podendo passar sem o outro. Metáfora do que afirmo é o *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, em que, após executada a destruição total dos livros existentes



no mundo, surge uma sociedade secreta de seres humanos onde cada pessoa encarna, através da memória, o conteúdo de uma obra literária.

**DF Letras - Em todas as épocas os escritores novos tiveram dificuldade para publicar seus livros. Atualmente, essa dificuldade é também sentida por escritores de renome. Como você encara esse fenômeno?**

AFS - Poeta falando a poeta, acho que você se refere a livros de poemas. Seria de invocar, como muita gente faz, o afastamento do público leitor, devido a linguagem obscura ou elíptica da maioria das criações poéticas modernas. Só que não é bem o caso. Por mais complexo ou enigmático que seja um conjunto de poemas, sempre haverá um bom número de curiosos ou iniciados prontos para buscar o seu sentido. Por outro lado, nota-se uma espécie de desdém por volumes de poemas de linguagem muito simples e acessível. De modo que o problema parece sem solução. Mas um país, ou um povo, não pode deixar de ter a sua poesia, sob o risco de perder a própria personalidade, e um ser humano que se sente predestinado à poesia há de sentir-se castrado mentalmente, caso não se expresse através da criação poética. Se os editores, que o mais das vezes

fecham a cara quando vêm à sua frente o original de um livro de poemas, ao mesmo tempo que lançassem *best sellers*, novelas policiais, livros esotéricos e de auto-ajuda - essas coisas que vendem - instituísem cada ano um concurso para poetas inéditos ou mal editados, cujo prêmio seria a publicação, o problema seria resolvido, ao menos para os premiados. O lucro deles, editores, é sagrado, está certo, pois investiram seu capital. Só que se despenderia um mínimo do lucro auferido com os livros vendáveis, e o simples fato de ser o livro escolhido o vencedor de um concurso despertaria por si só o interesse do público dado à leitura de poesia.

**DF Letras - É ótima a sugestão. E essa parte do lucro aplicada na publicação do livro podia até ficar isenta de impostos, já que não existem mais os incentivos do INL. É coisa para se pensar. Mas, Afonso, e os escritores de renome que também sofrem dificuldades?**

AFS - Já isso não dá para entender. Talvez se deva em parte ao nosso subdesenvolvimento sócio-econômico-cultural, se bem que não ocorra só entre nós. Ainda há pouco o crítico e poeta Ivo Barroso, na sua magistralmente organizada *Poesia e prosa de Baudelaire*, da Nova Aguilar, lembrava o quanto padeceu o poeta das *Flores do mal* na tentativa de publicar seus livros na Bélgica. No Brasil o fenômeno vem de longe. Quando conheci Manuel Bandeira, ele, já sessentão e





nacionalmente famoso, acabava de custear uma antologia dos seus poemas. Às vezes o renome e a sorte editorial, embora justificáveis, se devem a favores extraliterários. Vou dar um exemplo. Nos anos 50, depois de consolidada a geração de poetas surgidos após a Segunda Guerra Mundial, saíra a que pertencio, comecei a pôr sentido nos estreantes. Três deles me impressionaram: Mário Faustino, Ferrela Gullar e Fernando Mendes Vianna. Pois bem. Mário Faustino morreu cedo, infelizmente, deixando uma obra interessante com gosto de quero-mais. Fernando e Gullar continuaram produzindo e hoje, passados quarenta anos, cada um deles apresenta obra de valor considerável. Só que a do Gullar goza de merecido sucesso, inclusive editorial, enquanto a do Fernando está longe de alcançar a repercussão a que faz Jus. Entretanto e a bem dizer, nenhuma dessas duas obras fica a dever à outra em valor e qualidade. O caso é que Ferreira Gullar militou intensamente no jornalismo, em política de esquerda, andou exilado, fez teatro e programas de TV, teve o privilégio de ser hostilizado pelos concretistas, ao passo que o autor de *Marinheiro no tempo* passou todo esse período ancorado numa repartição do Senado. E quanto a ele, podem os brasilienses se vangloriar de ter a nova capital acolhido, desde os seus primórdios, um dos mais importantes poetas brasileiros.

**DF Letras - Tendo residido na França, no Líbano e nos Estados Unidos,**

**qual a sua experiência mais marcante no campo literário?**

**AFS -** Tenho a impressão de que o que mais me marcou em literatura foi o fato de me ver, ainda adolescente, convertido de leitor em autor. Senti-me então uma espécie de eleito a franquear a fronteira da terra prometida. Ter passado períodos da minha vida respirando os ares lá de fora, apesar de experiências enriquecedoras, não exerceu em mim grande influência, a ponto de alterar minha visão da vida e da coisa literária. É comum dizer que a gente vê melhor o Brasil quando o olha de uma terra estrangeira. De fato, em todas essas andanças eu carregava comigo o Brasil, dando cunho de verdade a antigos versos meus: *O vento vem, dá na vida. Mas a terra é em mim que mora.*

**DF Letras - A sua literatura é universalíssima. No entanto, a temática goiana está presente em grande parte do que escreve. Você concorda comigo e com Tolstoi?**

**AFS -** Em Goiás vivi a infância e a adolescência, épocas da vida que costumam deixar marcas profundas em todos nós. Já me chamaram de poeta da infância, e com efeito é a infância invocada em vários poemas do meu já remoto primeiro livro, depois aqui e ali nos demais. Na infância vamos de deslumbramento em deslumbramento, de perplexidade em perplexidade, descobrindo o mundo, e o mun-

do para mim passou a confundir-se com a paisagem goiana.

**DF Letras - Você concorda que o desaparecimento dos suplementos literários dos principais jornais do país tenha contribuído para o atual desinteresse dos leitores e o afastamento da crítica?**

**AFS -** É mais que evidente. Quando penso em anos atrás, quando parecia ponto de honra para os grandes jornais manter um suplemento semanal com matéria literária, aí incluídos textos críticos, poemas, contos e gostosos rodapés, fico com pena dos jovens que hoje se lançam na arena literária. É o período da vida em que eles mais precisam de oportunidade para se expressarem e serem avaliados, mesmo ou sobretudo se sua vocação é um equívoco, e as páginas dedicadas nos jornais aos eventos literários - quando eles existem - são cada vez mais escassas e fechadas.

**DF Letras - Com todos os problemas, muitos dos quais inevitáveis, o INL prestou um grande serviço à literatura brasileira. Qual a sua visão?**

**AFS -** É embaraçoso pensar que exatamente nos anos da ditadura o INL exerceu suas funções precípuas, incentivando, através de co-edições, obras de valor sem possibilidade comercial e de escritores iniciantes ou já lançados mas também pouco vendáveis. Sabemos que isto se deve em grande parte ao trabalho e à visão de Herberto Sales, mas quem fica com a boa fama



é o sistema de governo, do qual queremos distância. Parece que o INL, ainda existente sob outra denominação, poderia pegar a idéia que aventamos há pouco e proporcionar aos editores isenção de tributos para as despesas de edição de livros premiados em concursos promovidos por eles mesmos. O Ministério da Cultura, que tanto se preocupa em incentivar o cinema, o teatro e as artes plásticas, no que faz muito bem, poderia dar também uma colher-de-chá aos escritores órfãos de editores.

**DF Letras - Casado com a escritora Astrid Cabral, em que o dia-a-dia doméstico interfere na sua criação?**

AFS - Não é preciso se casar com uma poetisa para que o ramerrão quotidiano, com seu cortejo de problemáticas inevitáveis, interfira na criação poética. Ele interfere sempre, mesmo na hipótese de nos conservarmos solteiros. Criar é um desafio que fazemos a nós mesmos e os óbices aparecem sempre, quer os oriundos da vida prática, quer os devidos ao reconhecimento de nossas próprias deficiências. Astrid e eu, malgrado o nosso quinhão de dificuldades comuns à vida

em comum, soubemos criar e preservar um ambiente propício à poesia. O segredo foi o respeito de ambos à criação do outro, a solidariedade em tudo, sem emulações bobas. Na vida que se leva hoje nas grandes cidades, em que se torna problemático o convívio permanente entre pessoas com o mesmo tipo de interesses, é gratificante ter ao lado, vinte e quatro horas por dia, alguém a quem se possa dar a ler em primeira mão um poema, esperando uma apreciação crítica construtiva, ou com quem possamos trocar impressões sobre um livro que acabamos de ler. A vida quotidiana nos afeta, é claro, mas nunca deixamos de dar um jeito de contornar os seus aspectos negativos.

**DF Letras - Ainda a propósito de criação, quando e como nasce o poema?**

AFS - Eis um mistério. Ou, antes, um eterno quebra-cabeça para o mais atilado dos teóricos ou psicólogos. A poesia sopra onde quer, já dizia Murilo Mendes. Às vezes há as melhores condições para sentar e escrever, e não pinta nada que se apresente. Outras vezes, no meio do maior rebuliço o poema impõe o seu direito de vir à tona. No meu caso pelo menos, não há regra para a criação. O que sei é que nunca persegui ou andei atrás da

inspiração ou coisa que o valha. De súbito surge um pretexto para eu criar - uma palavra, um sonho, uma lembrança, uma associação inesperada - e, quando dou por mim, está o poema escrito. Depois conservo-o esquecido na gaveta para mais tarde voltar a ele já com espírito crítico, com o superego agindo. Só então, depois de passar por esse crivo, aprovo-o ou não.

**DF Letras - Para terminar, gostaria de saber como você vê os futuros caminhos da literatura, e também se está satisfeito com a sua contribuição pessoal.**

AFS - No século que está a findar, a literatura tomou tantos rumos inesperados que desisto de antever o que vem por aí. Cá entre nós, prefiro que seja mesmo um séquito de surpresas, pois é do imprevisto encantar mais do que o previsível. No que concerne à poesia, creio, contudo, que a tônica será o espírito de pesquisa unido à familiarização sem preconceitos com a tradição poética. Acho que se dará prioridade à construção do poema, dentro de uma linguagem particularíssima que tenha por base e móvel a ousadia no criar. Se considero assim essencial o conhecimento da tradição, é claro que não quero dizer o simples retorno a soluções superadas e gastas. Nada mais melancólico do que ler um poema escrito hoje com o sabor de um século atrás.

Quanto ao que sinto em relação à minha obra, esse pretérito imperfeito como a chamei certa vez, agora, chegado a meus setenta anos e tendo-a, portanto, como na sua etapa final, repito o que afirmei noutra ocasião, parece que também numa entrevista: se não estou bastante satisfeito com o que fiz e ela, a minha obra poética, não corresponde ao que eu planejava, estou satisfeito por tê-la levado a cabo, não obstante todos os empecilhos que nesse difícil mundo tecnológico um poeta encontra em seu caminho.





# Da utopia

Brasília faz 38 anos...

Trinta e oito anos! E daí...?

Brasília, a utopia que virou concreto.

Um lugar possível de morar, onde o futuro convive diariamente com o presente.

A arquitetura modernista trouxe-nos uma promessa de ruptura com a história, uma necessidade de apagá-la e reescrevê-la.

O interesse pelo novo e o fascínio de deixar para trás o Brasil colonial, subdesenvolvido e corrupto. Saltamos purgados de todos os pecados no futuro-presente. Hoje, ledo engano.

A contradição está no nosso âmago. Da cidade igualitária, utópica, aos rejeitados candangos periféricos em cidades e assentamentos mal-iluminados, de esgotos a escorrer sob um céu azul belíssimo.

A idéia original era chocar, desfamiliarizar as convenções da vida urbana em relação a todo o resto.

Essas mudanças eram propositais.

Aos 38 anos percebemos que Brasília, a cada ano, vai-se parecendo mais e mais com as outras cidades e, o que é pior, com as suas mazelas... Apesar de tudo, parabéns, Brasília...

**Chico Nóbrega**



# ao concreto

**A Bossa-nova completa 40 anos. E Vinicius de Moraes é a cara deste movimento que projetou a música brasileira internacionalmente, juntamente com Tom Jobim, João Gilberto e vários outros. O País vivia a euforia dos anos JK, o início de Brasília e a chegada da indústria automobilística. Eram os anos dourados...**



# VINICIUS...

□ FLÁVIO R. KOTHE



# O nosso poetinha

Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1913; descendia, segundo relato de sua irmã, de um nobre alemão, Seiblitiz, casado com uma senhora de sobrenome Lossio, radicado em Portugal, que acompanhou a corte portuguesa em sua fuga para o Brasil, onde se misturaram com os Mellos e os Moraes, portugueses, tendo a família tido um senador e um deputado do Império, um governador de Pernambuco, um historiador, Alexandre de Mello Moraes, e um poeta e folclorista, Mello Moraes Filho. A bisavó, Anna de Lossio y Seiblitiz escrevia poesia, assim como a avó e o pai. A mãe de Vinicius descendia de italianos e portugueses pelo lado do pai, Antônio Burlamaqui dos Santos Cruz, e de húngaros e argentinos pela avó. O tio mais novo de Vinicius era um seresteiro, que o levava junto, mas, segundo o relato da irmã, só nas serestas mais familiares. Vinicius teve uma infância pobre, não miserável, mas feliz, pois havia um bom entendimento com os pais, os irmãos, os avós, os colegas e amigos.

O pai de Vinicius, Clodoaldo Moraes, transmitiu-lhe a familiaridade com os grandes nomes da história e da literatura, a admiração pelos feitos heróicos e a curiosidade por lugares distantes e costumes exóticos. Tinha planos mirabolantes de enriquecer, além da mania de olhar a baía da Guanabara através de binóculos. Quando o pai faleceu, Vinicius, que estava nos Estados Unidos, escreveu uma elegia, em que relembra uma cena infantil:

*Era belo esperar-te, cidadão. O bordinho*

*Rangia nos trilhos a muitas praias de distância*

*Dizíamos: "E-vem meu pai!" Quando a curva*

*Se acendia de luzes semoventes, ah, corríamos*



**Vinicius, em 1964, com o poeta João Cabral de Melo Neto, em Paris**

*Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes*

*Mas ser marraio em teus braços, sentir por último*

*Os doces espinhos da tua barba.*

*Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência*

*De quem se deixou ser. Teus ombros possantes*

*Se curvavam como ao peso da enorme poesia*

*Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos*

*Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios*

*Para o cotidiano (e freqüentemente o binóculo*

*Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras*

*Mirando o mar).'*

Não se trata, obviamente, de uma elegia com a pretensão filosófica das Elegias de Duínio de Rilke ou das odes e elegias de Hölderlin, mas também não é simplória ou banal. Pelo contrá-

rio, corrige uma lacuna da filosofia tradicional, pouco preocupada com a felicidade, com a infância, com a vida possível. Trata-se de um recorte do cotidiano, onde se registra uma pequena felicidade possível, ao mesmo tempo que se registra uma alternativa de busca que transcenda o círculo familiar, abrindo-se, com o binóculo que perscruta o mar, para o mundo e para o sonho, através do azul infinito do mar. Ainda se registra o filho a cumprir um mandato poético, que ele não viu ser realizado pelo pai, mas que ele, ao mesmo tempo rival e cúmplice, trata então de cumprir.

Este poema foi composto em Los Angeles, na madrugada em que Vinicius recebeu a notícia da morte do pai. A palavra poética aflora não simplesmente como compensação a uma perda, mas como reação a uma circunstância em que o cotidiano, o familiar, o conhecido sofre um baque, fica fora dos gonzos, e o homem tenta elaborar essa experiência, transformá-la em palavra para poder domá-la, para se tornar senhor quando se viu reduzido a uma palha jogada pelo vento do aca-





so. O poema é o pincel em que ele ainda se pendura quando a escada em que pousava desaparece e ele se vê solto e perdido no ar. Enquanto se abre o abismo sob os pés do poeta, ele ro-dopia no ar, preocupado em ornamentar a parede com signos legíveis e que não sejam apenas do seu desespero privado.

A mãe de Vinícius conseguiu manter uma atmosfera de aconchego, o que deu ao poeta uma força interior, além de desde pequeno fazer da música uma vivência constante. Ela tocava piano, tudo lhe servindo de pretexto para tocar e cantar. Ela ficou em sua memória não apenas como a mulher que o pôs no mundo, mas como aquela que, além de tê-lo dado à luz, também o adotou e assumiu como filho, ficando para sempre a lembrança do regaço, onde encontrar abrigo, mesmo que fosse apenas como fantasma de um tempo perdido, como registra no poema "Minha mãe", que também logo exemplifica a sua primeira fase, no livro *Sentimento do sublime*.

*Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo*

*Tenho medo da vida, minha mãe.  
Canta a doce cantiga que cantavas  
Quando eu corria doido ao teu regaço*

*Com medo dos fantasmas do telhado.*

*Nina o meu sono cheio de inquietude*

*Batendo de levinho no meu braço*

***Vinícius e o violonista  
Toquinho fizeram uma  
dupla que marcou época  
no cenário da música brasileira***

*Que estou com muito medo, minha mãe.*

*Repousa a luz amiga dos teus olhos  
Nos meus olhos sem luz e sem repouso*

*Dize à dor que me espera eternamente*

*Para ir embora. Expulsa a angústia imensa*

*Do meu ser que não quer e que não pode*

*Dá-me um beijo na fronte dolorida  
Que ela arde de febre, minha mãe.*

*Aninha-me em teu colo como outrora*

*Dize-me bem baixo assim: — Filho, não temas*

*Dorme em sossego, que tua mãe não dorme.*

*Dorme. Os que há muito te esperavam*

*Cansados já se foram para longe.  
Perto de ti está tua mãezinha  
Teu irmão, que o estudo adormeceu*

*Tuas irmãs pisando de levinho  
Para não despertar o sono teu.*

*Dorme, meu filho, dorme no meu peito*

*Sonha a felicidade. Velo eu.*

*Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo*

*Me apavora a renúncia. Dize que*

*eu fique*

*Dize que eu parta, ó mãe, para a saudade.*

*Afugenta este espaço que me prende*

*Afugenta o infinito que me chama*

*Que eu estou com muito medo, minha mãe.*

Essa mãe é memória, mas como memória, como fantasma da mãe que ele teve um dia, ela é sempre repouso e aconchego, reconforto diante da fragilidade humana. O que o assusta, ameaça e angustia não é dito aqui, e pouco importa qual seja a causa imediata que desencadeia essa sensação. Ele está próximo de Hölderlin, que também tratou desse tema:

**A PÁTRIA**

*De ilhas distantes alegre retorna o navegante*

*Ao rio tranqüilo, quando conseguiu colher;*

*Assim também eu voltaria à pátria, tivesse eu*

*Tantos bens colhido quanto dores recolhi.*

*Ó margens caras que outrora me criastes,*

*Acalmais vós as dores do amor, e vós, ó*

*Bosques da minha juventude, prometeis,*

*Se eu voltar, paz e repouso ainda uma vez?*

*No fresco riacho, onde o jogo das ondas eu vi,*

*Junto ao rio, onde singrar os barcos eu vi,*

*Em breve estarei; e a vós, montes fiéis,*

*Que outrora me abrigastes, da terra natal.*

*Límines seguros e venerandos, da casa materna*

*E dos irmãos que me amam os abraços, a todos*

*Em breve hei de saudar, e vós ireis*



me envolver,

*Para que, como em bandagens, o coração me cure.*

O lar que se evoca é um lar que não se tem mais, mas que pode ser evocado porque uma vez já se teve. E porque se teve, se podem suportar as dores colhidas no mundo, como se pode suportar a angústia dos espaços infinitos, o pavor que, nas palavras de Pascal, a distância infinita dos astros pode provocar. É uma regressão, e não é. O poema surge como uma catéxis, um recolhimento das forças para poder enfrentar tarefas superiores às forças de que dispomos, uma busca que se faz em função de uma ausência e um vazio, para encontrar algo que é mais que o preenchimento da lacuna, pois constitui algo que é um presente dado a outros tempos e outros lugares, um aperto de mão, que se estende do alto de um píncaro solitário, mas que é solidário com todo aquele que estiver disposto a apertar essa mão, entendendo o gesto de que a poesia se impõe ao poeta, mas não se impõe a mais ninguém: ela apenas se expõe e, se expondo, fica à disposição dos espíritos bem dispostos, transpondo tempos e lugares com o frescor de sua fala, seu recolhimento e seu silêncio.

Afinal, não podemos nos furtar às questões mais graves da existência, e uma delas, das mais simples, é como os pais que geram um filho o condenam, no próprio gesto de gerá-lo, ao destino de todos nós, a morte. Os gregos distinguiam os seus deuses não por serem sem defeitos, não por serem sem dor, não por serem onipotentes ou onipresentes, não por purgarem erros e defeitos de vidas pregressas, mas por serem imortais. Daí o grande dilema de uma deusa, como Tétis, que gerava um filho que seria mortal: a tentativa de salvá-lo dos perigos da guerra imergindo Aquiles em águas que o tornariam invulnerável, o providenciá-lhe uma armadura que o tornasse inatingível por lanças, espadas e dardos. Daí talvez um secreto motivo de Calipso ter entendido que, ao lado do amor que ainda via nos olhos de Odisseu por Penélope, era preciso permitir que ele se fosse: ajudou-o a fazer a sua jangada e lançar-se ao mar.

O destino de cada mãe é o destino da terra: condena à angústia da existência, às dores do corpo e do coração, condena à mortalidade todo filho que ela gera, seja homem, seja planta, seja animal. O gesto do filho que volta ao regaço materno é o gesto de quem aceita o destino, aceita a vida que lhe foi dada, pois lhe foi dada com amor, e, quando algum amor se tem, seja a pessoas ou a ideais, a ideais e a pessoas, também vale a pena ser mantida.

No caso de Vinicius, pode-se dizer que, embora a escola, a Faculdade de Direito, o curso de literatura que fez como bolsista na Inglaterra, a experiência no exterior como diplomata, tenham contribuído para a sua formação e o nível poético que ele soube alcançar, foi dentro de casa que nele foram construídos os alicerces, que permitiram crescer nele um dos melhores poetas do Brasil e talvez o maior letrista de sua música popular. Vinicius teve um bom pai e uma boa mãe, como se pode depreender tanto de seu testemunho poético, quanto do depoimento de sua irmã. Quantas crianças deixam de ter, porém, no pai e na mãe, um esteio, obrigando-as a pensarem por que vieram ao mundo se eles demonstram que não foram desejadas nem bem-vindas!

Autores como Dostoiévski, Tolstói, Proust, Mansfield e Lawrence fizeram parte das leituras de juventude de Vinicius. Em 1938, obteve uma bolsa do British Council para estudar em Oxford, mas, com a explosão da guerra em 1939, não pôde completar o seu estudo e viu-se forçado a voltar ao Brasil. Durante o Estado Novo, numa época em que o seu pensamento ainda estava muito próximo da direita católica, ocupou o cargo de censor cinematográfico, cargo que ele perdeu ao assumir a bolsa. Nessa sua fase da juventude, esteve dentro do espectro da direita católica, tendo sido influenciado pelo próprio autor da *Tragédia burguesa*, Octávio de Faria, em cujo sítio escreveu elegias e que o estimulou a publicar o seu primeiro livro *O caminho para a distância*, não por acaso na Schmidt Editora.

O próprio Vinicius confessou, em crônica de fevereiro de 1965, a sua posição à época do Estado Novo: "Nós

éramos todos "de direita". Torcíamos pela vitória do fascismo e íamos Nietzsche como quem vai morrer. "Escreve com o teu sangue, e verás que teu sangue é espírito!" Ah, como amávamos essa palavra sangue... Ah, que conteúdo tinha para nós essa palavra espírito... // Depois eu cresci e vi que não era nada disso. Vi que nem eu era gênio, nem queria destruir coisa alguma. Queria era namorar, conversar com os amigos, tomar sol na praia, empilhar fichas de chope e escrever palavras simples."<sup>2</sup>

Liam Nietzsche, mas liam mal, pois Nietzsche foi um feroz inimigo do nacionalismo estreito, do anti-semitismo, da arrogância bélica, da prepotência, a ponto de ter rompido com Wagner por alguns desses motivos. Vinicius, após deixar a censura, passou a trabalhar como crítico cinematográfico no jornal *A Manhã*, ao lado de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Afonso Arinos de Mello Franco, numa época em que alguns jornais ainda prezavam intelectuais em seus quadros.

### Da opção popular

Em 1942, aos 29 anos, fez uma extensa viagem ao norte do Brasil, em companhia do escritor norte-americano Waldo Frank, o que mudou radicalmente a sua visão política, tomando-se ele não apenas um antifascista convicto permanente, mas um autor preocupado em defender e valorizar as camadas mais pobres e marginalizadas da população, o que lhe acarretou, mais tarde, perseguições durante o regime militar. Ele fez uma opção permanente pelo povo, sem cair na demagogia e procurando não sacrificar a poesia. O povo entendeu isso e o adotou como seu poeta, como a voz que dizia a sua vida e a sua esperança. Isso se mostra, por exemplo, na letra da música intitulada "Gente humilde":

*Tem certos dias  
Em que eu penso em minha gente  
É sinto assim  
Todo o meu peito se apertar.  
São casas simples  
Com cadeiras na calçada  
e na fachada, escrito em cima  
Que é um lar.*



*Pela varanda, flores tristes  
E baldias  
Como a alegria, que não tem  
Onde encostar.*

*E aí me dá uma tristeza  
No meu peito  
Feito em despeito, de eu não ter  
Como lutar.  
E eu que não creio  
Peço a Deus por minha gente  
É gente humilde  
Que vontade de chorar.*

Implícita na sua opção popular estava uma revolta contra a pseudocultura dominante, contra a arrogância dos donos da riqueza e do poder, mas, principalmente, uma crença — ainda não se sabe bem se ingênua ou fundada — na capacidade de grupos marginalizados poderem manifestar a sua cultura, a sua perspectiva, a sua identidade diferenciada. Isso se mostra na letra da música intitulada "O morro não tem vez":

*O morro não tem vez  
E o que ele fez já foi demais  
Mas olhem bem vocês  
Quando derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar*

*Morro pede passagem  
Morro quer se mostrar  
Abram alas pro morro  
Tamborim vai falar  
É um, é dois, é três  
É cem mil a batucar.*

Também no poema, Vinicius de Moraes manteve essa opção pelo popular, e nisso ele reflete bem um clima que havia em torno de 1960 e que foi levado avante pela União Nacional dos Estudantes, nos assim chamados CPCs, os Centros Populares de Cultura. Cito um trecho de "*O operário em construção*", registrado por Luciana Stegagno-Picchio, em sua recente História da literatura brasileira<sup>3</sup>:

*... certo dia  
à mesa, ao cortar o pão  
o operário foi tomado  
de uma súbita emoção  
ao constatar assombrado  
que tudo naquela mesa*

*— garrafa, prato, faca —  
era ele quem os fazia  
ele um humilde operário  
um operário em construção*

*E um fato novo se viu  
que a todos admirava:  
o que o operário dizia  
outro operário escutava.  
E foi assim que o operário  
do edifício em construção  
que sempre dizia sim  
começou a dizer não.*

Obviamente permanece aqui em aberto a questão de saber até que ponto boa intenção vai garantir qualidade poética, ainda que má intenção sempre a perturbe. Trata-se, no entanto, de uma clara opção pela consciência operária, pela valorização do trabalho, pela ruptura com a submissão secular ao ditado da oligarquia, pelo fruto do trabalho ficar com aqueles que o geraram, portanto não com a minoria que vive da exploração do esforço alheio para gozar uma vida cheia de supérfluos, enquanto os trabalhadores passam necessidades. Essa consciência demorou a chegar à literatura brasileira, mas hoje já tem alguns marcos, como Graciliano Ramos e Vinicius de Moraes, que estão aí e, por mais que se tente, não podem mais ser tão simplesmente apagados.

Em 1943, Vinicius ingressou, por concurso, na carreira diplomática. Em 1944, dirigiu o Suplemento Literário de *O Jornal*, tendo lançado, entre outros, Oscar Niemeyer, Pedro Nava e Lúcio Rangel, e publicado desenhos de artistas ainda pouco conhecidos, como Carlos Scliar e Athos Bulcão. Tornou-se amigo de Pablo Neruda e de Di Cavalcanti e, mais tarde, do poeta cubano Nicolás Guillén. Em 1946, partiu para Los Angeles, onde permaneceu por cinco anos, já tendo abandonado as posições místicas iniciais e aderido a uma linha de pensamento mais crítica e preocupada com a igualdade social. Ele era um misto de nacionalista e de um homem aberto ao mundo. Nunca parou de produzir. É de 1953, aos quarenta anos, o seu primeiro samba "Quando tu passas por mim", tendo composto a música e a letra, como se tivesse marcado um encontro com o

destino, pois, se ele é conhecido por alguns sonetos, como o "Soneto de separação" e o "Soneto de despedida", ficou na consciência popular como o letrista de algumas músicas que se tornaram clássicos da música popular brasileira.

Em 1955, compôs com Cláudio Santoro, em Paris, uma série de canções de câmara e começou a preparar o roteiro do filme *Orfeu Negro*, no qual se teve uma valorização modelar da cultura e da gente negra, a ponto de Vinicius receber o epíteto de "o branco mais preto do Brasil" ou, se quisessem, pelo avesso, "o preto mais branco do Brasil". Em 1956, a convite de Jorge Amado, colaborou no quinzenário *Para todos*, ligado ao Partido Comunista Brasileiro, e tratou de encenar a peça *Orfeu da Conceição*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, convidando Tom Jobim para fazer a música do espetáculo e incluindo o cantor e violonista João Gilberto, dando origem ao movimento da bossa nova, que renovou a música brasileira e internacional, em que, se compararmos com a involução posterior para a barulheira para surdos megalopolitanos do *heavy metal*, ainda havia uma valorização da interioridade, da reflexão, da suavidade, do dizer, da poesia.

Em 1957, Vinicius foi transferido de Paris para Montevideu, após uma curta passagem pela delegação junto à Unesco. Em 1958, saiu o long-play "Canção do amor demais", de Tom Jobim e Vinicius, com Elizeth Cardoso e acompanhamento de João Gilberto, ouvindo-se, pela primeira vez, a batida da bossa nova, com o samba "Chega de saudade", que é considerado o marco inicial do movimento. Em 1959, com a mesma dupla de compositores, saiu o long-play "Por toda a minha vida", foi publicado o livro *Novas poemas* e o filme *Orfeu Negro* ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes e o Oscar de Hollywood como o melhor filme estrangeiro do ano. Vinicius teve o reconhecimento e a glória ainda em vida, o que lhe valeu inveja e perseguição, como o lado reverso da mesma medalha.

Além de amigo de pintores como Siqueiros e Di Cavalcanti, foi parceiro



musical de compositores talentosos como Ary Barroso, João Gilberto, o já citado Tom Jobim, Carlos Lira, Pixinguinha, Francis Hime e Chico Buarque de Holanda, em que a seleção do parceiro já era uma garantia antecipada do resultado, foi amigo de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, mostrando ser um diplomado diplomata da vida.

Vinicius foi perseguido pela ditadura de 1964, que o eliminou do serviço diplomático, a pretextos fúteis. Ele se dedicou cada vez mais a shows de música popular, o que era um misto de vontade de sobrevivência e de protesto alternativo. Lançou o Quarteto em Cy e, em 1965, ganhou o primeiro e o segundo lugares do I Festival de Música Popular de São Paulo, organizado pela TV Record. Em 1966 foram feitos documentários sobre o poeta para as televisões americana, alemã, italiana e francesa, consolidando a sua fama no plano internacional. Teve antologia lançada pela Editora Sabiá, com várias edições, a sexta já em 1968; a sua obra completa em prosa e verso está na forma clássica, em papel bíblia, da Editora Nova Aguilar desde 1968, ano em que perdeu a mãe. Faleceu a 8 de julho de 1980, aos 67 anos de idade. Desde aí a sua obra não foi esquecida e a sua fama continua crescendo, podendo ele repousar na cama que a natureza lhe deu.

### Da condição da arte

Vinicius costumava recitar poemas em suas apresentações públicas (com refrões tornados populares como "porque hoje é sábado", em que se sacramentava o direito ao descanso e

*As praias,  
as mulheres e o jeito  
carioca foram cantados  
com muita poesia  
por Vinicius de Moraes*

à alternativa), ou o soneto com a cantada fatal: "que o amor seja eterno enquanto dure" (e que já recebeu a versão de Magda, entendida por todos: "que o amor seja eterno enquanto duro..."). Nas décadas de 1960 e 70, ele era uma figura pública, que podia ser vista em shows ao vivo na televisão, com sua voz meio rouca, acompanhado por um copo de uísque: ele era quase mais uma figura que apenas uma publicação. Pode-se pagar o preço dessa contemporaneidade: a apreciação de suas letras mais populares, o olvido de seus textos mais densos.

Houve um período de nacionalismo, em que pareceu lógico a ele compor, repetindo *ad libitum* "Só danço o samba, só danço o samba", sob a alegação de que "já dancei demais o twist e o tchá-tchá-tchá", como se a música fosse redutível a apenas essas três al-

ternativas: no âmbito público ela foi, no entanto, num certo período, quase reduzida pela indústria cultural americana a esse horizonte. Hoje parece que há mais variedade, mas talvez sejam apenas variações em torno do mesmo tema, sufocando a música mais sutil, elaborada, densa e complexa. O alerta continua verdadeiro, ainda que a solução seja demasiado restritiva. Não só de samba vive o Brasil, não só de samba vive a música, mas de todos os impulsos que fazem dançar a mente e o corpo.

Em sua produção especificamente literária, Vinicius conquistou algumas palavras definitivas, como o "Soneto de separação", cita-

do por Alfredo Bosi, na *História concisa da literatura brasileira*<sup>4</sup>, como exemplo da renovação da secular forma do soneto, dando-lhe uma leveza e uma temática nova:

*De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente,*

*Fez-se do amigo próximo o distante,  
Fez-se da vida uma aventura errante,  
De repente, não mais que de repente.*

Como dizia Blanchot, retomando Hegel, a natureza artística ou filosófica de uma obra só aparece com a





*Vinícius e Dorival Caymmi durante um ensaio para o show na boate "Zum-Zum", em 1964*

morte das condições e circunstâncias que a geraram. Ela nasce para a arte e a filosofia à proporção que se aniquila o seu objeto e momento inspirador. A morte do autor libera a obra para a arte. A literatura e a filosofia são a antítese do jornalismo, que se perde no dia-a-dia, onde pensa encontrar a salvação. Há jornalistas, como Carlos Chagas da TV Manchete, que usam o termo "poeta" para designar sonhadores que não sabem do que falam, pois perderam a concretude e o senso do real. Quando assim usam o termo, não falam de poetas: no máximo falam de poetastros. Os poetas são pessoas afinadas com as tensões básicas do seu tempo, mas que não se deixam dominar por elas, vendo-as sobretudo como momentos de passagem entre o passado e o futuro. Conseguem, assim, ser contemporâneos de diferentes épocas, passando a dizer algo a pessoas que nunca os viram nem conheceram.

O "Soneto de fidelidade"<sup>5</sup> foi escrito no Estoril, em outubro de 1939, e até hoje continua mantendo o mesmo frescor. Ele pode tanto ser lido como uma declaração de amor eterno e único, quanto ser transformado, como já aconteceu tantas vezes em diversos meios não-literários, no "Soneto da cantada", em que o Dom Juan quer destacar a importância do momento:

*De tudo, ao meu amor serei atento*

*Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Há, portanto, mesmo onde não pareça haver, uma postura filosófica em Vinícius de Moraes como pensador, que está na linhagem de Nietzsche e Heidegger e do existencialismo, em que vale o momento, a vida concreta,

o presente. Sob a aparência de um cantador da sensualidade, da vida carioca e do povo mais simples, temos um poeta que é um pensador.

### **Da inclusão e da exclusão**

A exclusão do mundo cotidiano, pessoal e profissional, o ficar fora de seus gonços pode propiciar o advento do "daimon", que permite ao homem descobrir a si e a sua circunstância, descobrir o padecimento que lhe é imposto pela fatalidade do nascimento como um princípio de descoberta de sua responsabilidade e de sua capacidade de julgar. É esse "daimon" que propicia o advento da diferença, do juízo e da capacidade de melhor criar. É como se ele contivesse algo demoníaco nele mesmo. Não se trata de justificar a punição, pois continua perdido para sempre o que poderia ter sido feito de positivo e deixou de ser feito, impossibilitado pelo cerceamento à liberdade, ao direito de exercer a profissão, pela perversão dos valores.

A exclusão permite a inclusão no difícil percurso pela visão diferenciada que pode se sedimentar numa obra de arte. A inclusão num grupo literário aparenta afastar dessa exclusão, propiciando como que a acomodação, o discurso que nada acrescenta ao que já foi dito. Estamos todos, porém, solitários, excluídos de tudo e de todos, na hora em que o "daimon" aflora e exige de nós o registro de seu ditado. Somos incluídos na vida sem sermos perguntados; ficamos incluídos nela com o direito permanente de dela nos excluirmos; temos de com ela aprender a inevitabilidade de nossa exclusão. Não há "imortalidade" acadêmica ou literária que apague ou diminua esse fato. Somos frágeis e mortais; frágeis e mortais são também os textos que produzimos. O grande Proust, no último volume da *Recherche*, chamou a atenção para o fato de que também as obras literárias hão de perecer e que, quando lidas, elas são apenas lentes através das quais os leitores lêem a si mesmos.

Um texto aparenta nos incluir na página, mas apenas exclui algo de nós, que não nos será e que nós não seremos. Apenas servimos ao "daimon", ao "genius" que de nós se apossa e



que de nós exige a sua manifestação, como se ela fosse a nossa e nossa. Esse "daimon" não é imortal, mas morre conosco, enquanto sobrevive por alguns anos em parcas páginas que ainda possam merecer alguma releitura. A arte existe para que a vida se torne suportável, mas também isso a literatura precisa questionar, como se não valesse também a arte que só se justificasse como resistência e refúgio.

### Do cisne

No poema "Metade da vida", Hölderlin já registrava a difícil situação da arte, simbolizada talvez no cisne, numa época em que, há duzentos anos, se confrontavam as forças revolucionárias da burguesia e as reacionárias da aristocracia:

*Com peras amarelas pende  
E repleta de rosas silvestres  
A pátria paisagem dentro do lago,  
Ó cisnes graciosos,  
E embevecidos de beijos  
Embebeis a cabeça  
Na água sacra e sóbria.*

*Ai de mim, onde irei eu buscar, se  
Inverno é, as flores, e onde  
O raio de sol,  
E sombras à terra?  
As muralhas estão de pé  
Sem fala e frias, ao vento  
Farfalham bandeiras.*

Baudelaire retomou a figura do cisne e colocou-o, perdido, no meio de Paris, escapando da prisão em que estava e à beira de um regato inexistente:

*Um cisne que da gaiola havia se evadido  
E ferindo os pés palmados no seco pavimento  
Sob o áspero sol arrastava a sua branca plumagem  
Perto de um regato sem água a besta  
Abria o bico*

*Banhava nervosamente suas asas na poeira  
E dizia com o coração saudosos do belo lago natal:  
"Água, quando choverás? Trovão,  
quando soarás?"*



**Cópia da partitura original da música "Garota de Ipanema" – uma homenagem de Vinícius e Tom Jobim à mulher brasileira**

*Quando do estéril inverno o alvo luto luzia.*

*Todo o seu colo secunda essa branca agonia  
Pelo espaço infligida à ave que a nega e aninha  
Mas não o horror do solo onde a pluma se prende.*

*Fantasma, nesse termo seu puro brilho assina,  
Ele fica imóvel à fria quimera do desprezo  
Que no exílio inútil veste o Cisne, o Signo.*

O exílio do cisne, que é o exílio do signo poético, do que poderia ser puro, vivaz e belo, é um exílio que é inútil, que se sabe inútil, uma negação da negatividade, que interiorizou em si o branco luto da paisagem hostil, invernal, mas que não tem síntese possível em que repousar.

*Eu vejo esse mito infeliz, estranho e fatal.*

Quando Mallarmé retoma esse cisne, o lago em que vivia já está congelado pela frieza das relações do mundo moderno, diz:

*O virgem, o vivaz e o belo nos dias de hoje  
Vai-nos desferir um golpe de asa inebriada  
Esse duro lago olvidado que subjaz à geada  
O transparente glacial de vãos que nunca foram!*

*Um cisne de outrora lembra que ele seria  
Magnífico mas sem esperança se livraria  
Por não ter cantado a região onde se viveria*

### Vinícius como poeta político

Vinícius de Moraes — a quem Brasília deve a sua sinfonia inaugural — foi também um exilado, um poeta que, em sua primeira fase, buscava a alvura do cisne, a fluência da elegia e a forma perfeita do soneto. Vivenciou eras de guerra e obscurantismo, espalhadas pela América Latina e pelo mundo. Não se deixou, porém, abater. Ele não se colocou simplesmente a repetir a tradição do cisne excluído, que não tem mais espaço para viver no mundo moderno. Enfrentou as águas poluídas e tratou de melhorá-las. Tornou-se, mais do que nunca, o representante do país, assumindo representar e apresentar o povo, ao invés de representar apenas um governo. Ele não confundiu o povo com o governo, nem o Estado brasileiro com eventuais mandantes. Idealizou a gente simples, os excluídos. Denunciou o exílio, falou do que não se de-



via falar. Ao invés de ficar na lamentação inútil do exílio, da brancura do cisne sacrificado pelo duro inverno de toda a desesperança, ele cantou o rebolado da "garota de Ipanema", fazendo uma variação em torno do tema de "A uma passante" de Baudelaire, que havia, por sua vez, se inspirado em "O homem da multidão" de Edgar Allan Poe.

*Olha que coisa mais linda  
mais cheia de graça  
é ela, menina, que vem e que passa  
num doce balanço  
a caminho do mar*

Essa "menina" é também a poesia, que vem e que passa, num doce balanço, a caminho do ar. A mulher que aparece em meio à multidão, que em Baudelaire ainda estava vestida de luto e troca um olhar com o poeta, é transformada numa ninfa quase desnuda, primeiro quase intangível como uma deusa, mas nem por isso menos observável, no rebolado de suas cadeiras, nem por isso menos cantável e namorável.

#### A uma passante

*Ensurdecedora urrava a rua ao meu redor.  
Alta, elegante, toda de luto, na dor majestosa,  
Passou uma mulher, com a fastosa mão  
Erguendo, balançando a bainha e o festão;*

*Ágil e nobre, com a sua perna de estátua,  
Eu, eu bebia, crispado como um extra-vagante,  
No seu olho, lívido céu que gera o furacão,  
A doçura que fascina e o prazer que mata.*

*Um clarão... a noite após! Beleza fugidia,  
Teu olhar me fez renascer num repente,  
Será que ainda terei de novo um dia?*

*Tão longe daquíl tão tarde! Talvez nunca;  
no além!  
Não sei para onde foste, não sabias para onde eu ia,*

*Ó tu que eu teria amado, ó tu disto sabias!*

Ao invés de apenas decantar a perda irreparável, ao invés de apenas cantar uma amada perdida e a ser amada apenas como memória e espírito, Vinicius cantou o encontro amoroso, possível porque desejado, como na "Valsinha":

*Um dia ele chegou tão diferente  
Do seu jeito de sempre chegar  
Olhou-a de um jeito muito mais quente  
Do que sempre costumava olhar  
E não maldisse a vida  
Tanto quanto era seu jeito de sempre falar  
E nem deixou-a só num canto,  
Pra seu grande espanto convidou-a para rodar.  
E então ela se fez bonita  
Como há muito tempo não queria ousar.  
Com seu vestido decotado  
Cheirando a guardado de tanto esperar.  
Depois os dois deram-se os braços  
Como há muito tempo não se usava dar  
E cheios de ternura e graça foram para a praça  
E começaram a se abraçar.*

*E ali dançaram tanta dança  
Que a vizinhança toda despertou  
E foi tanta felicidade que toda a cidade se iluminou.  
E foram tantos beijos loucos,  
tantos gritos roucos como não se ouviam mais  
Que o mundo compreendeu  
E o dia amanheceu em paz.*

Mais do que ver nisso apenas o preço pago à tradição retórica da literatura na tradição brasileira, e um tributo pago à popularidade mediante uma certa facilitação jornalística do poema, com o perder-se na singularidade do evento e a densidade, é preciso reconhecer que há certa profundidade inclusive filosófica nesse decantar as pessoas do povo e no cantar o concreto, o plebeu, o sensual. Está em antítese à tradição petrarquista. Exata-

mente o que lhe dá popularidade pode ser o que lhe retiraria perenidade, o que lhe conferiu atualidade momentânea é o que lhe retiraria permanência, atualidade no agora. Mesmo quando procurou ser mais fácil, porém, ele não facilitou, não caiu no prosaico, pois sempre mantinha a elegância no dizer, o andamento rítmico, uma assertiva cheia de achados curiosos, que o tornaram mais que testemunha e documento de uma época. É difícil ser fácil.

Na MPB, a música ecoa certa falta de densidade do que é dito e, ao mesmo tempo, procura compensá-la: a letra é geralmente feita para expressar de modo singelo um pensamento linear e um sentimento simples. Daí importa a elegância com que isso é feito, evitando o simplório. Não se trata só de poesia com musicalidade, mas letra como apoio da música. É diferente do que ocorre quando a música existe para apoiar a letra de um poema anterior, quando um Schubert compõe a música para um poema de Goethe ou Heine. Vinicius, com seus parceiros, tem a arte de evitar cair na banalidade. Mesmo quando diz "só danço o samba, já dancei o twist e o rock and roll" e fica repetindo dezenas de vezes "só danço o samba", como se o samba fosse a única expressão musical, com uma obsessão reiterativa a mostrar por si a fragilidade do argumento, o que ele dizia com essa redução era algo mais que o reducionismo: era defender a diversidade cultural do planeta contra a dominação por parte da baixa cultura norte-americana. Essa questão não perdeu a sua atualidade. O ponto não está tanto na assertiva do "só danço o samba", mas no contraponto ao imperialismo cultural, na defesa da diversidade.

Vinicius era um nacionalista cosmopolita. Com a sua participação, garantiu um nível à letra de muitos clássicos da MPB que, lamentavelmente, não se encontra mais na maior parte das canções que vão sendo criadas com tanto mais ênfase quanto mais banais elas são, por tantas duplas sertanejas, sambistas, pagodeiros. O preço pago pela comunicação instantânea da letra é a falta de profundidade



e densidade. Vinicius conseguiu, porém, evitar a queda no banal, pois sua obra se dá como contraponto a uma longa tradição culta.

#### Conclusão

A leitura é um ato solitário; a escrita é um ato solitário; a literatura é uma ação solitária e solidária. Mesmo que ela não o queira, a arte é para poucos. Os bons poetas precisam conformar-se com o fato de não serem muito lidos. Se não ser lido não garante artisticidade, mas, pelo contrário, tende a ser um índice de precariedade textual, os autores que queiram ser apreciados pelo grande público precisam fazer concessões que tornem os seus textos precários e vulneráveis, ainda que o leitor comum não o perceba. Concessões desse tipo fizeram autores bastante conhecidos; Vinicius de Moraes conseguiu, porém, sempre manter o nível de qualidade textual. Há uma simplicidade que é difícil de alcançar, a simplicidade em que ele primou como Brecht. Ambos puderam ser didáticos, engraçados, esclarecedores, até populares, sem perder densidade, nem se tornarem vulneráveis: foram contemporâneos, foram homens do seu tempo, para continuarem sendo nossos contemporâneos, e poetas de novos tempos.

Enquanto letrista, Vinicius conheceu o sucesso popular. Milhões de pessoas repetiram e repetirão os seus versos, de um modo que ele não o conseguiria como poeta, sem o apoio da música explícita. É como se a musicalidade das palavras não bastasse e precisasse de uma retórica tonal. A poesia se mantém como contato entre pessoas raras, a arte como uma reserva para os espíritos mais refinados. O aumento da quantidade de público tende a ser inversamente proporcional à qualidade do texto. Ao insistir em desenvolver uma cultura própria, com espírito autônomo, pensando, sentindo e apreciando por si,



*Em visita ao poeta Manuel Bandeira,  
ao lado de Tom Jobim e Chico Buarque, em 1967*

Vinicius contribuiu para a descolonização e o amadurecimento da cultura brasileira, e, à medida que o fez, tornou-se um mestre com reconhecimento internacional.

Não há apenas cultura de massas, como também muita incultura de massas; contra a tese de que não há arte popular, mas apenas o popular que não consegue ser arte, Vinicius se voltou, produzindo letras com artisticidade. Como letrista, configurou letras de qualidade superior à banalidade e trivialidade que tantas vezes ocorrem na música popular. Assim, teve o apoio do povo, mesmo quan-

do não teve o apoio do governo, e, como homem do seu povo, tornou-se um poeta que o expressou e, ao mesmo tempo, impressiona e vive além dos tempos e dos lugares que lhe foram dados viver. Vinicius letrista, Vinicius cronista, Vinicius crítico de cinema, Vinicius dramaturgo, Vinicius contista, Vinicius diplomata e Vinicius homem, mas, sobretudo, Vinicius poeta — ele continua vivo entre nós como um homem de bem, que trabalhou pela cultura do país e pela dignidade dos cidadãos. A ele, as nossas homenagens.

#### NOTAS DO AUTOR

<sup>1</sup> Moraes, Vinicius. *Poesia completa e prosa*, Rio, Nova Aguilar, 2ª ed., 1986, p. 278.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 634.

<sup>3</sup> Stegagno-Picchio, Luciana. *História da literatura brasileira*, Rio, Nova Aguilar, 1997, p. 653.

<sup>4</sup> Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1970, p. 511.

<sup>5</sup> Moraes, Vinicius. *Poesia completa e prosa*, op. cit., p. 183.



# A poesia é necessária, sempre

□ FAGUNDES DE OLIVEIRA

**Há pessoas que dizem  
não gostar de poesia.**

**Pura irrerealidade,  
porque não há - na  
humana vida - quem  
não sinta ao menos  
embeber-se de emoção  
quando vê o primeiro  
filho; quem não se  
desfaz quando perde  
um ente querido.**

A poesia é a manifestação do belo, terá afirmado um pensador.

Como tal, tem alcance pleno no sentimento ideativo da sociedade, qualquer que seja o nível cultural.

É necessária, porque alimenta as mais distintas vocações. É a alma do recado que se transmite; o conteúdo da mensagem, com expressão de agrado, de elegância, de beleza.

Está em toda linha de manifestação do pensamento, seja ele técnico, científico ou literário; em toda manifestação de vida, dos tempos mais remotos aos atuais, das culturas mais primitivas às douradas é abrangente.

Como canto, encartada no verso, tem vencido os tempos e as distâncias, porque é encantada nas letras das canções, universalmente verificada.

Os países livres têm, como símbolo de identidade oficial, seus próprios hinos. As religiões, seus cantos de exaltação. As instituições organizadas também os têm. Assim, se confirma que a poesia é cultuada pela humanidade toda, qualquer que seja a raça, a cor, a religião.

Isso porque onde houver humano há sentimento, "desde o selvagem, que rende tosco mas sincero culto ao seu Deus", ao mais denodado dos mortais.

O encanto da poesia é vencer os mais ausentes estados de vocação sentimental.

Há pessoas que dizem não gostar de poesia. Pura irrerealidade, porque não há - na humana vida - quem não sinta ao menos embeber-se de emoção quando vê o primeiro filho; quem não se desfaz quando perde um ente querido.

E o que é isso senão a identidade voluntária de um sentimento que não tem preço?

É um instante em que a alma se eleva a um patamar espiritual superior, onde os valores humanos se fazem em direção ao etéreo.

Quem de nós resistiria ao afago do amor sem algum estremecimento?

Quem estaria tão distante de si mesmo que não seria capaz de identificar-se ao impulso de um achado vitorioso, sem que o voluntário fosse sacrificado ao bestial?

É a explosão do ego, que manifesta o mundo interior na complexidade do

sentimento.

Isso é poesia!

A poesia, quanto ao conteúdo, é o estágio superior do sentimento.

Quanto à forma, é o retrato sonoro da alma expresso na cadência do imaginário pela eloquência do poeta.

Há poesia no verso e na prosa.

No verso, ela traz o recado do sublime cancionicamente, com recheios do encanto na simetria do conforme.

Na prosa, encurta o pensamento à distância pretendida, pela imaginação do autor, mas não dispensa o conteúdo, que é sublime.

O pensamento ideativo do sentimento retrata frigidez de alma, que se queda ao destempero vivencial dos costumes, cujo sentido tem dimensão pequena de gosto e de humanidade.

Quando não se busca, na poesia, respostas a perguntas interiores é porque o desavido tem gosto de desgosto consigo mesmo, não alcança divisar o encanto da vida e não palmilha o sublime.

Na poesia há os encantos mais distintos da humanidade: o nascimento, a maternidade, o berço, o amor, a vida, o túmulo. Todos são poesia, porque são sublimes.

Quem não seria capaz de olhar-se na alma, sem ao menos ouvir a voz da própria consciência, quando se faz o gosto de quem ama, e ouve: *Abre-me os braços e o coração para o amor...*

Ou então: *Amar é mais ainda, é lutar sempre/ Pra conseguir na vida o paraíso;/ É ser capaz de transformar o pranto/ Na sublime grandeza de um sorriso.*

São evocações à sublimação, respostas do sentimento, sonoridade da alma, ecos da poesia.

O alcance da poesia tem a distância do infinito.

Ela é energia superior, porque tem morada no coração, na inteligência, no sentimento e na alma.

A poesia é para ser sentida por quem tem a grandeza de sentir.

*Fagundes de Oliveira é membro efetivo da Academia de Letras de Brasília, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, é presidente da Academia Maçônica de Letras do Brasil e membro do Conselho Editorial da DF Letras.*



DF

## CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL - ENCARTE DA DF LETRAS

Ano I nº 04

Fábio Rivas



*A presidente da CLDF, deputada Lucia Carvalho (C) e o vice-presidente, deputado Luiz Estevão (D), participaram do lançamento da TV Câmara na presença do reitor da UnB Lauro Mohry (E) e assessores*

# TV DISTRITAL

## entra no ar

Desde o dia 20 de abril, véspera do aniversário de Brasília, entrou no ar a TV Distrital, que divulgou junto à comunidade o trabalho da Câmara Legislativa. Entre as transmissões experimentais da primeira semana, foi veiculada uma programação especial sobre a cidade.

Em solenidade realizada em 8 de abril passado, a presidente da Câmara, deputada Lucia Carvalho, e o reitor da Universidade de Brasília, professor Lauro Mohry, assinaram o contrato que viabilizou as transmissões da TV

Distrital pelo canal 9 da NET. Lucia Carvalho disse que a TV Distrital foi aprovada pelos líderes de todos os partidos representados na Casa. Afirmou também que "A parceria com a UnB é muito significativa, porque a instituição congrega qualidade e a necessária isenção ideológica, essencial num ano de acirradas disputas eleitorais". O reitor da UnB, professor Lauro Mohry, lembrou que a universidade também deu sua colaboração para o funcionamento da TV Legislativa, do

Senado Federal. Assegurou que as transmissões terão um importante papel no fortalecimento da democracia, valorizando os interesses populares. O deputado Luiz Estevão, vice-presidente da Câmara, expressou o que considera a melhor contribuição da TV Distrital: tornar as ações e discussões da Casa acessíveis a toda a população do DF. Acredita o deputado que o novo canal vai revelar à sociedade brasileira que a Câmara Legislativa do DF é "modelo de eficiência e excelência".



**Luiz Estevão**

P M D B



Será lançado, ainda neste primeiro semestre, o livreto que registra os cinco anos do Prêmio Luiz Estevão de Cultura,

contendo informações sobre os vencedores, finalistas e jurados das dez categorias (teatro e dança; música clássica e popular; prosa e poesia; cinema e vídeo; pintura e escultura). A informação é do deputado Luiz Estevão, que também confirmou para o mês de dezembro próximo a realização da festa de entrega das estatuetas, na sexta edição do mais importante prêmio cultural do Distrito Federal.

**Lucia Carvalho**

P T



A Lei nº 1.391/97, de minha autoria em parceria com outros deputados da Casa, cria a Bolsa Brasília de Produção Literária, que

objetiva dar maior incentivo aos escritores brasileiros. Pela lei, são consideradas produções literárias o conto, a crônica, a poesia, o romance, a novela, nas modalidades infantil, infanto-juvenil e adulta, bem como o ensaio. As obras a serem publicadas serão escolhidas através de um concurso que terá, também, premiações. Competirá ao Poder Público, através da Fundação Cultural, estabelecer as normas de premiação, bem como a publicação de seis obras literárias anualmente. Apenas obras inéditas podem concorrer e serem ontempladas pela bolsa literária.

**Maria José Maninha**

P T



Há 198 anos, jornalistas brasileiros lutam para garantir um direito que é de todos os cidadãos: o direito à liberdade de expressão.

Em nome dessa luta, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenarj) lançou no dia 17 de maio passado, em Brasília, a pedra fundamental do Monumento à Liberdade de Imprensa e do Centro Internacional de Imprensa. É uma obra que vai enriquecer ainda mais o patrimônio cultural da cidade. Mais que isso, ela há de inspirar esta e outras gerações a desenvolver uma cultura em defesa da liberdade. Daí a decisão acertada do governador Cristovam Buarque e desta Casa de doar o terreno onde a Fenarj construirá o monumento. A obra certamente há de nos lembrar que, por ser um tesouro frágil, a liberdade precisa ser cuidada e preservada.

**Jorge Cauhy**

P M D B



Quando da construção de Brasília, em uma área próxima ao balão do Gama, foi construída a primeira residência oficial do

presidente da República. Em homenagem ao Palácio do Catete, então sede do Governo Federal, no Rio de Janeiro, a residência passou a se chamar Catetinho. Com o passar dos anos, o Catetinho tornou-se um museu e ponto de referência para estudantes, historiadores, turistas, interessados em conhecer um pouco mais sobre a epopeia que foi construir a nova Capital da República. Para revitalizar a área, apresentei um projeto, que virou lei, criando um Centro Turístico Permanente, que terá lojas de conveniência, artesanato, lanchonetes e outras formas de apoio para o visitante.

**Odilon Aires**

P M D B



Entre os 164 projetos de lei apresentados pelo deputado, 34 foram transformados em lei. Mas um deles, aprovado pela Câmara

Legislativa, tem um significado especial: a Lei nº 1.638/97, que instituiu a construção da Casa da Cultura e da Biblioteca Pública do Cruzeiro, duas antigas aspirações dos moradores. "Vencer esta batalha foi um dos compromissos de minha luta em favor da cultura", afirma o deputado que, em toda sua trajetória política e administrativa, sempre defendeu o que considera o mais precioso bem para a juventude: a educação.

**Antônio José (CAFU)**

P T



O Parque do Guará é um espaço a mais para a cultura. Projeto de lei de minha autoria que cria o Parque Ecológico do Guará

foi aprovado pela Câmara Legislativa e sancionado pelo governador Cristovam Buarque. Desta forma, uma nova Água Mineral está para ser inaugurada, numa área nobre de 306 hectares. Assim, a cidade ganha mais um espaço de lazer e de muitas manifestações culturais. Em breve, os artistas terão acesso a mais um centro de convivência já em construção.



## César Lacerda



P T B

O maior problema do Distrito Federal atualmente é o desemprego. Esta realidade poderia ser outra se o GDF implantasse os diversos pólos de desenvolvimento criados pela Câmara Legislativa. Destaco o Pólo de Artesanato do Distrito Federal, criado através da Lei nº 1.111/96, de minha autoria, que, após instalado, contribuiria para a geração de milhares de empregos. A referida lei, além de assegurar a distribuição de lotes para os artesãos, trata da criação de linhas de crédito no BRB destinadas à produção. Entretanto, é necessário que os artesãos se mobilizem a fim de que o Pólo de Artesanato se torne, de fato, uma realidade.

## Wasny de Roure



P T

Se aprovado projeto de minha autoria, a concessão de auxílios ou qualquer benefício do GDF a entidades de ensino superior, públicas ou particulares, será condicionada à sua participação no Programa Permanente de Alfabetização e Educação Básica para Jovens e Adultos, instituído em 1995. A iniciativa, se aprovada, contribuirá para o fortalecimento do Programa, que necessita ampliar-se, buscando a participação dessas entidades de ensino, para melhor oferecer educação, cultura e, conseqüentemente, cidadania a toda a população.

## Pedro Celso



P T

É inegável o sucesso do projeto Temporadas Populares, criado em 1995 pelo Governo Democrático e Popular. A proposta de levar programas culturais e artísticos de primeira linha caiu no gosto popular, tanto que a Fundação Cultural já prepara sua sétima edição para o final deste ano. Os preços acessíveis dos espetáculos do Temporadas Populares têm permitido aos moradores de todas as cidades do Distrito Federal desfrutar dos espetáculos, cada vez em maior número. Virou tradição em Brasília. E foi a forma encontrada pelo governo do professor Cristovam Buarque para permitir o acesso das populações mais pobres a bens culturais de excelente qualidade. Afinal, cultura também é educação e um dos caminhos que levam ao desenvolvimento.

## Edimar Pireneus



P M D B

A formação cultural de nossos jovens é uma preocupação permanente deste parlamentar. Assim entendendo, referendando a Recomendação nº 02 do Conselho de Cultura do DF, apresentamos para a apreciação do Plenário desta Casa o Projeto de Lei nº 3.609/98, instituindo junto à Fundação Cultural do DF o Concurso Internacional para Jovens Instrumentistas e Regentes. Entendemos ser esta a oportunidade que faltava aos nossos jovens músicos e maestros para mostrarem o seu talento.

## Daniel Marques



P M D B

Garantir a presença de artistas brasilienses na abertura de todos os shows que ocorrerem nos espaços do GDF é a proposta do deputado Daniel Marques que está tramitando na Casa e que pretende valorizar os talentos musicais da cidade. Daniel foi procurado, ainda em 1996, por músicos do DF, que lhe fizeram o pedido para que apresentasse a idéia na Câmara. "Os músicos de Brasília vão abrilhantar ainda mais os de shows das estrelas que vêm de fora", garante o deputado.

## Zé Ramalho



P D T

Brasília, agora com 38 anos, é toda luz e festa e a cada ano que passa se identifica mais com a cultura e a história que está ajudando a construir no Planalto Central. Brasília, Capital da República e palco das atenções políticas, transcende sua própria imagem: ela hoje é, antes de mais nada, nossa terra, nossa casa, nossos sonhos. Ela é a cara da nova geração brasileira, que, com garra e vontade de participar dos destinos do país, se pinta para a guerra e sai às ruas para conquistar um espaço próprio e mais digno. Brasília é cada um de nós.



## Marco Lima



P S D B

Agora os policiais e bombeiros militares do Distrito Federal poderão ter uma melhor qualificação e desempenho profissional. É que foi aprovada, no início deste

ano, uma lei de minha autoria que cria o Programa de Incentivo Universitário para esta categoria de trabalhadores. O programa financiará os encargos educacionais do policial ou bombeiro militar matriculado em uma instituição de ensino superior, desde que esteja inscrito no programa. O Banco de Brasília será o executor da lei. Ao final do curso, o aluno terá ainda uma carência de um ano para restituir os valores pagos pelo programa, que ainda serão parcelados, dependendo do período de utilização do crédito. Além de ajudar no custeio das mensalidades, este programa concede horário especial aos militares matriculados em curso superior, se for comprovada a incompatibilidade entre o horário escolar e o da corporação.

## Marcos Arruda



P M D B

Como cidadão e deputado distrital, tenho procurado valorizar a cultura do nosso povo. Nesse sentido, fui o autor de

várias leis autorizando a implantação de bibliotecas públicas e criando conchas acústicas em diversas cidades do DF. A minha mais recente contribuição para a área cultural foi a Lei nº 1.850/98, que cria espaços para exposição e comercialização de obras de arte e artesanato nas Regiões Administrativas do Gama, Taguatinga, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Cruzeiro, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Riacho

## Manoelzinho



P M D B

É lastimável o que vem ocorrendo com o Cine Itapoã, um tradicional espaço cultural existente no Gama desde 1960. Cedido à iniciativa

privada na época do governo José Aparecido, por intermédio de pagamento de concessão de uso, o cinema foi retomado, ano passado, pelo governo do Distrito Federal. Foi o começo do fim. Hoje, o que um dia foi palco de encontros culturais, debates e saudáveis agitos envolvendo a comunidade do Gama, está entregue aos ratos, baratas e traças. O Cine Itapoã, com suas cadeiras quebradas e paredes descascadas, é uma vergonha para os moradores do Gama e reflexo do descaso do GDF com a comunidade.

## Geraldo Magela



P T

Ativista cultural desde sua chegada a Brasília, o deputado Geraldo Magela procura, em sua militância política, interferir e participar

dos vários acontecimentos culturais na cidade. Magela elaborou a Lei de Incentivo à Cultura, que inspirou iniciativas similares em diversos estados. Os debates sobre cultura promovidos pelo seu gabinete quase sempre se desdobram em proposições, contribuindo com a política cultural do DF. Este conjunto de ações identifica o deputado como um dos principais interlocutores da área cultural da cidade.

## Tadeu Filippelli



P M D B

Depois de anos de paralisação, o cinema nacional volta com força total. O sucesso do filme *Central do Brasil*, de Walter Salles,

ganhador do Urso de Ouro do Festival de Berlim, consolidou um momento de reafirmação do cinema nacional. Com isso, ganha a economia nacional, que volta a contar com um setor que chegou a empregar 50 mil trabalhadores. Ganham também a cultura do país, que retoma uma tradição de inovação da linguagem cinematográfica, e os investidores, que passam a ter na sétima arte mais uma opção para investimento. Brasília, por enquanto, ainda espreita esse renascer do cinema. Mas a cidade, que já foi um celeiro de artistas que depois fizeram carreira no país, merece mais atenção do governo local.

## Peniel Pacheco



P S D B

O cumprimento de leis é uma questão que diz respeito a todos os cidadãos, e o respeito a elas está diretamente ligado à questão da

educação. Por isso, desde que elaborei a Lei nº 1.771, de 1997, para conter a poluição visual na cidade, tenho observado o quanto é difícil, para algumas pessoas, aceitarem as normas e padrões estabelecidos em lei. O assunto é mais complexo do que se imagina e também está ligado à cultura do povo que, neste caso específico da minha lei, precisa ser analisada. Fico-me perguntando por que algumas pessoas preferem ver a cidade suja, coberta por faixas, cartazes e outros objetos que só mancham a imagem de Brasília e do Distrito Federal. Respeitar leis é, antes de tudo, respeitar os direitos do próximo, do cidadão.



## Alma da rua e o simbolismo de Ernani Rosas

O DF Resenha dá destaque, nesta edição, a dois lançamentos que falam de poesia.

*Alma da rua*, do poeta, escritor e mestre na oratória, Newton Rossi, retrata os quarenta anos de sua produção poética. Segundo o autor, "Estes são os versos de todos os tempos de uma vida. Neles estão contidos um pouco de cada tempo de uma vida, que quase não teve tempo para escrevê-los... Pássaros cativos, agora soltos, em liberdade, voando em busca de outros ninhos, onde irão acordar novas emoções". O outro livro é um lançamento da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, *História do gosto e outros poemas*, do poeta simbolista Ernani Rosas, organizado por Ana Lize Brancher e usado como tese de mestrado na pós-graduação em Literatura Brasileira da UFSC. Ernani Rosas é um poeta pouco conhecido, até porque foi contemporâneo do grande simbolista Cruz e Sousa. Mas os pesquisadores estão, mesmo que tardiamente, resgatando parte da obra literária desse outro poeta catarinense.





# Os olhos do caminhar

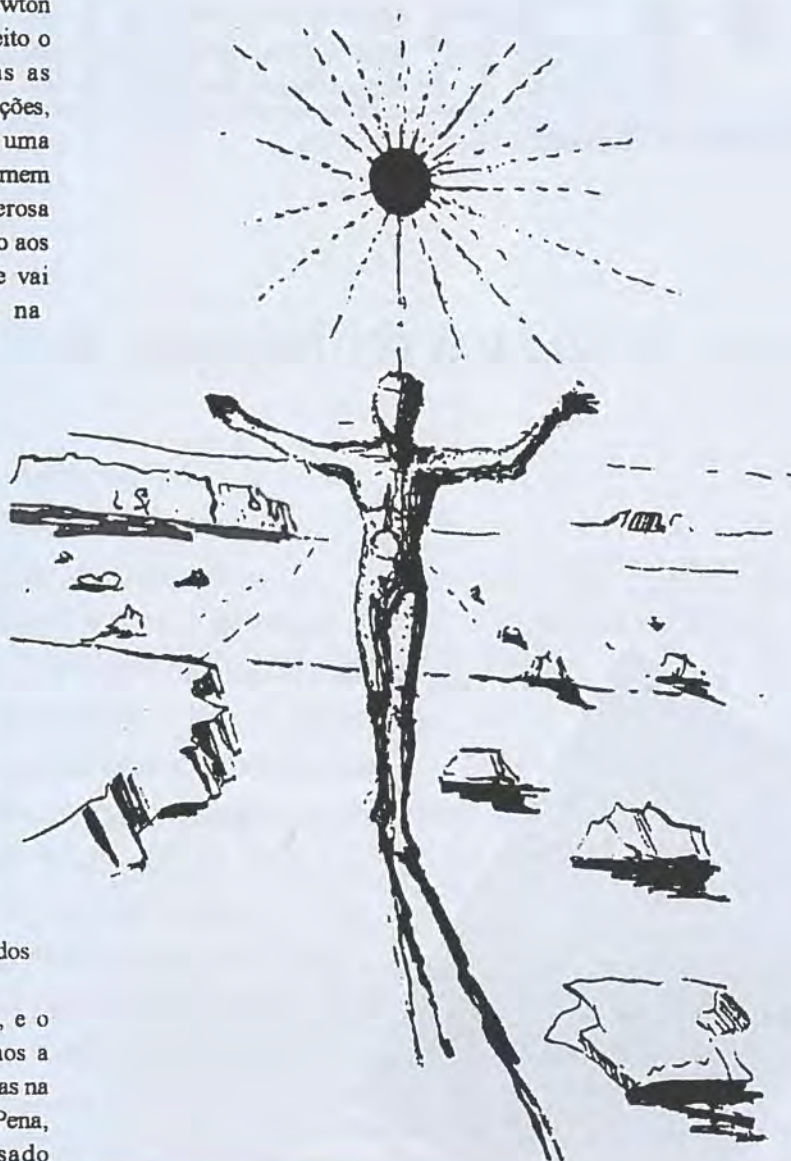
Lame

Em descuido literário sempre citado, Ponson du Terrail faz um de seus personagens montar a cavalo e sair galopando em todas as direções. Newton Rossi, desde que o conheço, tem feito o corcel da vida galopar em todas as direções. Quaisquer que sejam as direções, ele sempre as tem vencido com uma qualidade sobre as outras: ele é homem de fé. A sua fé é tanto mais poderosa quanto mais livre: não a submetendo aos cânones das teologias oficiais, ele vai construindo a sua ortodoxia na heterodoxia e, como os primeiros cristãos, tateia os mistérios divinos com a intuição e os descobre com o mesmo espanto de Paulo. A revelação tem essa astúcia: cega no primeiro momento, para dar luz aos olhos logo em seguida.

Por ter fé em Deus, Newton acredita em todas as suas criaturas, e isso faz dele um poeta, e não mero maneirista das palavras. O poeta é aquele que vê, em tudo, a beleza. E Deus, que pode ser justo e irado, é também belo. O mundo é belo, pela determinação de Deus, e só se torna feio porque o diabo costuma disputar com Ele espaço no coração dos homens.

Newton, desde que o conheço, e o conheço desde quando passeávamos a nossa juventude e as nossas esperanças na Rua da Bahia e na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, tem professado também as suas crenças cívicas. Para ver o mundo com sua beleza, quer vê-lo também com sua justiça. Cidadão, crente em Deus e em suas criaturas, líder empresarial, jornalista, Newton é, na personalidade do homem que contempla o universo com o sonho da paz, um poeta.

Quando moço, fez parte de um grupo literário forte, que editou a *Revista Acaiaca*, sucessora da *Revista de Minas*, ao reunir a geração logo posterior à de 45. Desse grupo sobrevivem os que eram mais jovens então, como Celso Brant e Newton Rossi. Outros, como Edison Moreira,



Ataliba Lago, Antônio Ribeiro Avelar e Nilo Aparecida Pinto, já partiram. A *Revista Acaiaca* tinha uma virtude que a destacava de publicações semelhantes. Nela se acolhiam todos os estilos, todas as escolas. Era uma publicação democrática, não uma igrejainha.

Há homens que envelhecem e, ao envelhecer, matam o menino e o rapaz que foram. Outros, como Newton, vão caminhando o seu tempo de vida com os mesmos olhos limpos, a mesma e suave emoção diante da natureza e o mesmo

empenho para que se construa, na Terra, a comunhão dos santos, ou seja, a fraternidade e a justiça.

O título de sua última coletânea de versos, *Alma da rua*, reflete bem os seus sentimentos. A rua não é apenas um espaço de trânsito. É o caminho entre uma casa e outra, entre os espaços privados, mas, também, a área que iguala as pessoas, devolvendo, a todas elas, a sua condição essencial, a de transeuntes no mundo.

Newton tem sido transeunte, neste

Meu Deus, só vejo a escuridão.  
Quero tanta luz.  
Como será o dia?  
Ah! A lua, a lua,  
As flores...  
Que, dizem, são  
Eu queria ver  
No sorriso de  
Os pássaros  
Devem ser  
Com asas  
Ah! meu Deus,  
Eu não pude  
Quando ele  
Inanimado,  
A sua face,  
Que tinha  
Procurei a  
O sorriso de  
E não pude  
Eu queria to

Mas... não!  
Dizem que  
Eu não quero  
Os monstros  
As feras da  
A hipocrisia  
Não quero  
Quero paz  
Que meus  
Mas busque  
Na imensidão



nte

## ento de um cego

s, eu não enxergo!  
 ecuridão em minha frente!  
 nio ver as belezas do mundo!  
 d o rio... a lua...?  
 a, como deve ser bonita!  
 ... a paisagem,  
 r, encantadoras!  
 a ver a pureza e a meiguice  
 o das crianças.  
 r, pela beleza de seu canto,  
 er encantadores,  
 s coloridas, voando sem fronteiras.  
 Deus...  
 u le ver o olhar de minha mãe,  
 ela disse adeus ao mundo.  
 de, eu beijei, emocionado,  
 e angelical,  
 a cheiro de bondade.  
 a luz dos seus olhos...  
 dos seus lábios...  
 de vê-los. Então, chorei.  
 a tanto ver o mundo!...

lo! Não quero mais, não quero ver!  
 e por aí há tanta coisa feia...  
 quero ver os fantasmas do ódio,  
 tros da maldade e da ambição.  
 da falsidade... do desamor.  
 sia, que atormenta sensibilidades.  
 ver! Prefiro a escuridão!  
 sar pelas coisas feias, sem vê-las.  
 s olhos não enxerguem perto,  
 uem, longe, a Luz maior,  
 ição dos céus.

sentido humano e fraterno do vocábulo. Transeunte observador e engajado, bem se entenda. E de cada um de seus passos, de cada uma de suas olhadas, sempre recolhe um sentimento, logo depois revelado em seus versos comovidos.

A eles vamos, como quem vai a uma ermida, descobrir, nas flores silvestres que a adornam, o grande mistério da vida. Como quem sai à rua, a fim de encontrá-lo a alma oculta na face de cada um dos transeuntes no mundo.

Mauro Santayana

# O enigma

*"Tudo isso é datado do Rio. Sou aqui tão exilado como meu avô Escobar no Desterro, onde o meteram depois da capitulação de Uruguaiana".*

**Ernani Rosas**

Nenhuma palavra me parece mais adequada, ainda, para retratar Ernani Rosas do que "enigma". Tanto seus poemas são obscuros, misteriosos, herméticos, quanto sua trajetória de poeta foi enigmática.

Ernani Rosas nasceu na então Desterro (atualmente Florianópolis) num início de outono: 31 de março de 1886. Seu pai, Oscar Rosas, foi poeta, contemporâneo de Cruz e Sousa, exercendo também a profissão de jornalista e deputado, sua mãe, Julieta Chaves Escobar Rosas, era filha de um militar paraguaio que se exilou em Desterro ao final da guerra contra o Paraguai. O casal Rosas teve três filhos: Ernani, o mais velho, Corália e Berenice. Segundo Andrade Muricy, Ernani Rosas fez seus primeiros estudos ainda em Desterro, transferindo-se depois, com a família, para o Rio de Janeiro.

Ernani teve infância difícil: o pai, envolvido em questões políticas, vivia em constantes viagens entre Desterro e o Rio de Janeiro, sempre com dificuldades financeiras e comprometido com negociações, brigas, encrências; a mãe, estrangeira, sofria constantes maus-tratos do marido, em cenas brutais certamente presenciadas pelo menino Ernani.

Por outro lado, desde cedo Ernani Rosas conviveu com as letras e as artes, uma vez que, além do pai poeta, o avô paterno era professor do liceu de Desterro e parente de Vitor Meirelles. Anota Affonso Várzea: "Ernani, menino criado ao léu, no horror aos programas escolares mas na paixão pela poesia, já fazia versos e por sua mão Ronald de Carvalho e David Thomaz foram aos serões de nossa casa".

No Rio de Janeiro, Ernani exerceu vários ofícios, trabalhando em alguns jornais como *Imparcial*, *Maçã*, *A Época*, porém viveu basicamente de mesadas do pai e quando este morreu, em 1925, Ernani passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras, juntamente com a mãe e as irmãs. Embora tivesse, entre sua convivência, nomes como o de Ronald de Carvalho, Ernani Rosas afastou-se dos círculos literários do Rio de Janeiro e foi residir, num quase anonimato, porém

escrevendo sempre, no município de Nova Iguaçu, onde morreu em 1955.

Delineia-se o enigma.

É bastante curiosa, se não enigmática, a opção do poeta por este afastamento.

Ernani Rosas teve vida relativamente longa: 69 anos, vividos quase sempre no Rio de Janeiro, então capital federal. Vale acentuar a situação excepcional por que então atravessava a cidade do Rio de Janeiro. Na virada do século XIX para o século XX, anos iniciais da República brasileira, sofria o Rio de Janeiro transformações radicais, tanto no espaço público quanto no modo da vida do carioca. A *velha* Rio de Janeiro foi literalmente demolida: em nome da modernização da cidade, antigos casarões da época imperial foram destruídos, ruas alargadas, cais ampliado, higienizou-se a cidade, surgiram os primeiros automóveis, as máquinas de fotografia, de datilografia.

Evidentemente há um novo grupo social hegemônico, que se beneficia das mudanças impostas à cidade; esse grupo nega e condena os costumes e a cultura popular, habita o centro da cidade (totalmente remodelado, com avenidas largas, jardins, novas construções), troca a "sobrecasaca e cartola" pelo "paletó de casemira clara e chapéu de palha", identifica-se com o estilo de vida parisiense. Entre os costumes populares que foram negados e proibidos pelos novos parâmetros culturais estavam a serenata e a boêmia. Seresteiros e boêmios passaram a significar vadiagem, foram perseguidos pela polícia e expulsos para os subúrbios.

Empobrecido, sem nenhuma habilidade para a prática de fazer dinheiro, boêmio, pressionado pela nova sociedade a adotar comportamentos com os quais não concordava ou para os quais não dispunha de recursos financeiros, e, principalmente, querendo viver da sua poesia, afasta-se o poeta. Exila-se. Aparta-se do convívio com os poetas maiores, distancia-se do centro, tanto da cidade modernizante quanto dos círculos literários dominantes.

De *História do gosto e outros poemas* - Ernani Rosas

Ana Lice Brancher (Organizadora)



## GALOPE DO TEMPO



### Galope do tempo

Reynaldo Valinho Alvarez (Rio de Janeiro, 1931) escreve poesia, crônica, ficção, ensaio e literatura infanto-juvenil.

Publicou vinte e quatro livros e participou de mais de dez coletâneas com outros escritores. *Galope do tempo* pode ser lido como um longo poema voltado para a passagem dos dias. Suas unidades integrantes, embora autônomas, ligam-se por intermédio de dísticos que selam a coesão do texto e organizam a circularidade que simboliza o cotidiano da existência humana. *Galope do tempo* é expressão recorrente em vários livros do poeta, entre eles *O solitário gesto de viver*.

Como os outros seis volumes de poesia do autor, *Galope do tempo* chega aos leitores já premiado. A Fundação Biblioteca Nacional distinguiu o autor, em 1995, com bolsa para conclusão de obra inédita.

### Sonetos e trovas

Hildemar de Araújo Costa (poeta baiano) nasceu em Salvador, Bahia, no dia 11 de setembro de 1932. Funcionário aposentado, vem-se dedicando aos versos.

Poeta-trovador, tem trabalhos publicados em várias coletâneas de poesia, em revistas e jornais de quase todo o país.

Possui inúmeros prêmios ganhos em concursos de sonetos e trovas.



## A alquimia do êxito

Muito prazer! Meu nome é Evelyn Levy. Nasci no Rio de Janeiro em 6 de fevereiro de 1962. Sou uma mulher aliada à vida. Minha faculdade é o mundo, minha paixão é a busca pela liberdade de sentir, querer, fazer e ser. Sou um ser humano que acredita realmente no amor incondicional e no êxito absoluto. Amo estar aqui, amo cada momento que tenho de vida, sou eternamente unida a todos os sentimentos que vibram positivo.

A autora



## Nas dobras do corpo

A escritora Marlene Henrique, candanga por convicção, é professora e assistente social. Funcionária pública aposentada, a escritora nasceu no Ceará, cresceu na Paraíba e, em 1969, escolheu Brasília para morar. O livro *Nas dobras do corpo* nasceu da coletânea de poemas arrolados nos anos de 1958 a 1967.

As poesias contidas no livro abordam momentos marcantes da vida social da época, com a honestidade do cotidiano, inseridas nos processos sociais em mudança, bem como as diversas fases do pensamento criativo da autora, voltado para os problemas do dia-a-dia.

## O pescador de Tabocal

Batista de Lima é cearense de São José das Lavras da Mangabeira, onde nasceu em 1949, no sítio Taquari.

Sua vida literária teve início no Clube dos Poetas Cearenses, tendo participado de todas as antologias lançadas por aquele grupo de poetas.

Batista de Lima é membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, de onde foi secretário e segundo-secretário.



## Andanças poéticas

Almir Diniz nasceu em Cambixé, ilha do Careiro (AM). Décimo primeiro filho de João Diniz de Carvalho e Lúcia (Rocha) Paula de Carvalho.

Ingressou na imprensa em 1947, aos 18 anos de idade. Trabalhou, sucessivamente, na *Folha do Povo*, *O Combate*, *A Crítica*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*, todos de Manaus. Paralelamente, andou pelas rádios Baré e Rio Mar, basicamente escrevendo crônicas.

Em 1956 ganhou o Prêmio Esso de Reportagem, Região Nordeste. No ano seguinte recebeu menção honrosa, do mesmo concurso, e ganhou o prêmio local (Amazonas) de jornalismo, repetindo igual conquista nos dois anos seguintes.

Presidiu o Grêmio Cultural Gonçalves Dias.

Durante muitos anos esteve ausente das atividades literárias, aparecendo, só esporadicamente, em algumas publicações em nível nacional (*Antologia Poética de Cidades Brasileiras*, 1987 e *Nova Poesia Brasileira*, 1989).





# CACHORRADAS

□ FAFÃO DE AZEVEDO

***Já desmoralizado e machucado na retaguarda, o coitado ainda virou motivo de zombaria da molecada da quadra, quando exibia sua bocarra imobilizada dentro daquele artefato de couro.***

Diariamente os dois senhores, pacatos funcionários públicos, desciam com os bichinhos de estimação que haviam comprado para suas filhas adolescentes. Além de vizinhos eram cunhados e aproveitavam aquela tarefa matinal para um passeio ao ar livre e um bate-papo familiar.

Walter levava um *cocker spaniel* inglês, pretinho e gracioso, com *pedigree* e tudo, chamado Dudu. Já Afonso vinha com um vira-lata pequenino e feioso, cujo nome era Zero mas não trazia em si nenhum sentido pejorativo.

Zero era educado, andava solto e obedecia ao estalar de uma varinha de madeira com que seu dono batia em sua própria perna para chamá-lo. Dudu, muito sem-vergonha, ia na coleira, pra não afastar-se por demais.

Nas redondezas havia também um oficial da Marinha que possuía um *doberman* enorme, adestrado pelas Forças Armadas e que só obedecia à voz do seu criador. A fera já havia avançado em crianças e mordido outros cachorrinhos da redondeza. Absurdo ter um animal desse porte em um apartamento, mas... a época era de ditadura e aos militares tudo era permitido.

Certa vez, os cunhados estavam tendo uma conversinha amigável enquanto os respectivos totós regavam as plantas do jardim, quando o fe-

roz cão de guarda driblou a governanta da casa do militar e escapou pela porta dos fundos, desembestando escada abaixo até dar de fuças com o Dudu. O pobre cãozinho, por estar amarrado, não teve como fugir, sendo abocanhado pelo monstro. Walter, num reflexo protetor, interpôs seu braço entre a boca do assassino e sua vítima, ficando preso também.

Tudo se fez para tentar acalmar a fúria daquele lobo urbano. A empregada do almirante (ou coisa que o valha, pois não sei exatamente a patente do tal milico), desesperada, discorria todos os comandos que já ouvira pronunciados pelo patrão, mas o danado não reconhecia e mantinha os dentes cerrados. Walter tentava se desvencilhar berrando e assobiando no ouvido do agressor e dando pancada em sua cabeça. Nenhum resultado.

Afonso, então, lembrou da vareta que tinha na mão e introduziu-a, sem dó nem piedade, no fiofó do cachorrão, que soltou um ganido de dor, relaxou as mandíbulas e saiu de rabo entre as pernas em direção à barra da saia de sua amaseca.

Walter prestou queixa e fez exame de corpo de delito na delegacia mais próxima, e, em consequência, o animal foi proibido de transitar fora de sua caserna sem focinheira e corrente. Já desmoralizado e machucado na retaguarda, o coitado ainda virou motivo de zombaria da molecada da quadra, quando exibia sua bocarra imobilizada dentro daquele artefato de couro. Os adultos também não escondiam uma certa satisfação vingativa ao ver aquele símbolo do militarismo tendo que se submeter às leis civis.

Mas a festa durou pouco, pois logo o bicho sumiu de circulação. Correu a notícia de que havia baixado no hospital veterinário com uma hemorragia intestinal forte e não resistiu.





# E L E G I A

# BERNARDO

# É L I S

□ PAULO BERTRAN



*Os contos regionais de "Ermos e gerais", publicados em 1944, assinalam a estréia de Bernardo Élis na literatura*

*Para que esse pranto por Bernardo Élis não se estiole em silêncios ou lágrimas - pois nisso reside a imortalidade de um grande escritor e de um grande homem - é o encontrá-lo vivo além da morte, no reenunciado de suas palavras e gestos. Lá de onde está encantado, talvez queira nos ver aqui encantados e de alguma sorte com aquele riso irônico e tímido, tão dele, há de estar sorrindo para nós, dizendo que a dor se vence com a morte. Morreu B. Élis. Nasce a legenda B. Élis. O cais que aprisiona é o mesmo cais que liberta.*

E quando nasceu o Bernardo Élis historiador e ensaísta para além do romancista e contista? Desde sempre, acho. O primeiro livro, *Ermos e gerais*, de 1944, já tinha alguns contos de fic-

ção histórica. Dos três romances que Élis escreveu, dois são sobre temas históricos goianos, como o famoso *O tronco*, de 1956 e aquele delicioso *Chegou o governador*, de 1987. Da década de 80 para cá, o historiador e o ensaísta quase que afogam em Élis o romancista e o con-

tista. Metade talvez de sua obra reporta-se à ficção histórica e mesmo à pesquisa de história.

Foi desde então que eu, ansioso por entender o passado deste Brasil Central, estreitei relações com Bernardo, logo gerando-se uma forte amizade. Sempre que me surgia um documento antigo interessante, é para Bernardo que eu levava a primeira transcrição.

Entretínhamos então longuíssimas conversas sobre a história destes cerzados e Bernardo passava-me os códigos culturais para interpretá-la. Para mim abriram-me horizontes inesperados essas interpretações que fazia, e, ainda por cima, informações meio sigilosas sobre assuntos da história de Goiás que, por razões de ética societária, sobre gente conhecida, não podia ou não queria escrever. Bernardo era assim o fidalgo, o homem discreto.



Também não escreverei sobre esses casos, pois foram contados com a clausura da confiança - mas como me iluminaram a história de Goiás! Nesse sentido, além de amigo, Bernardo foi talvez o meu maior ensinador das coisas goianas antigas.

Interpreto hoje esse interesse de Bernardo Élis pela História não apenas como a curiosidade umbilical perpétua, de saber de onde viemos, mas como da interrogação que todo estudioso sério deve fazer sobre a história de seu povo.

Porque Goiás é assim curioso e esquisito na formação de sua gente e de sua cultura, nos seus linguajares domésticos típicos, que a cada 50 km nos deposita em outros imaginários sutilmente diferentes, culturas sutilmente diferenciais.

Da Corumbá natal de Bernardo até a antiga Meia Ponte de Pirenópolis, sequer distam 30 quilômetros. Mas o povo de Corumbá é distinto do de Pirenópolis. Segundo meu caro amigo Ramir Curado, o povo de Corumbá descende na primeira etapa de bandeirantes paulistas. São anhanguerinos. Já os pirenopolinos são reinóis cultivadores de vinha, do norte de Portugal, desempregados pelo tratado de Methuen e realojados em Pirenópolis basicamente como comerciantes e, vagamente, mineiros. O grosso das lavras de ouro estava, porém, pelo distrito de Corumbá. Oitenta e tantas minas, segundo Ramir Curado.

Não sei se no século 19, os folguedos culturais de Pirenópolis, animados pela música de Tonico do Padre, pelo teatro de Pompeu de Pina, e o primeiro jornal do Centro-Oeste do Brasil, daquele extra-histórico Comendador Joaquim Alves de Oliveira - não sei se contribuíram, no pró-



***Bernardo Élis retratou os conflitos da sociedade rural diante do surgimento da industrialização e a maior penetração do capitalismo no campo***

ximo século para uma reinvenção cultural da região em que Corumbá passa a comandar o melhor da literatura

goiana deste século, como pátria natal de Bernardo Élis e de J. Veiga.

É possível que se viesse gestando uma transformação aqui. No século XIX e no XX, o município de Corumbá, no seu anticlinal de Oeste, esbarrava já em alguns derrames basálticos, de alta fertilidade, do Mato Grosso goiano. Em poucos anos, em seu enorme município antigo, os corumbaenses sobreviventes da época do ouro inventaram aqui uma grande região agrícola - que alimentou o norte goiano, por largo período, com seus produtos de consumo imediato: açúcar, fumo, café - em breve outros gêneros surgiram, como remessas de arroz, feijão e farinha, que os povos do norte, pela coisa ambiental lá deles, não

conseguiram produzir direito. No atual Tocantins só a mandioca dava bem. Assim criou-se em

**C o r u m b á**  
uma cultura de agricultores e de comerciantes.



***Élis nasceu em 1915, na cidade goiana de Corumbá. E como toda a sua geração de escritores, foi marcado pela tensão entre o regional e o universal, o atrasado e o moderno***



tes, extremamente rica na fusão de coisas rurais e urbanas - que espalhou esse padrão pelo Mato Grosso goiano, quando se derrubou a mata imensa e brotaram as roças e os pastos.

É dessa cultura que Bernardo foi o grande intérprete e o grande historiador, e que é a matéria combustível, "o silêncio ruidoso", como entende a Profª. Moema Olival, do imaginário bernardiano, principalmente nos seus contos.

Isso com os contos.

Com os romances, veremos, emerge mais o historiador. Dos três romances que Bernardo escreveu, dois são de ficção histórica. Do romance *O tronco* não tratarei - pois é muito conhecida a saga turbulenta e sangüinária de São José de Duro. Uma vez disse-me o Mestre que, ao tempo da sua publicação, algumas pessoas próximas às personalidades de *O tronco* cumprimentaram-no pela fidelidade com que conduziu seus personagens e suas ações.

Quando lançou *Chegou o governador*, o outro romance histórico, li-o de uma sentada, emocionado. Eu conhecia das minhas pesquisas quase todos os personagens citados, mas não o destino que os unia, e a que Bernardo deu uma construção formidável.

Trata o livro dos amores entre a goianinha plebéia Ângela Ludovico e o então governador e capitão general da Capitania de Goiás, o jovem conde da Palma, herdeiro das casas nobilíssimas de Óbidos e de Sabugal, deitando seus escudos desde o tempo em que D. Afonso Henriques criara, com a espada suja de sangue mouro, o pequeno e belicoso reino de Portugal.

Ângela engravida duas vezes do conde e, uns meses antes de este ir governar Minas Gerais, abandona-o na mais atroz solidão, pois os costumes vigentes proibiam o casamento entre nobres e plebeus. E aí, para ela,

não servia. Puro inocente desenlace histórico, sem que o Élis desconhecesse a impossibilidade do final...

Bernardo deve ter colhido esta história nos anos 1930 - talvez, disse-me ele - de alguma conversa com o famoso professor Ferreira, o derradeiro memorialista da história de Vila Boa de Goiás.

Pela ocasião eu andava trabalhando nos arquivos do Rio de Janeiro e encontrei no Instituto Histórico um desenho mostrando o conde da Palma, no dia de sua morte, já no caixão, a cabeça envelopada por um lenço, como antigamente se usava -

não por moda - mas porque sem o lenço a boca abria, por absoluta falta de dentes e de elasticidade da arcada dentária que segurasse a boca. Os problemas dentários do povo brasileiro antigo eram dos mais sérios e imaginários que aquelas faces derrubadas que vemos em retratos do século XIX - destituídos de qualquer riso - deviam-se mais à falta de dentes do que a fatores psicossociais e culturais.

Pois no retrato do conde da Palma, parece até que de propósito, o desenhista só ressaltou seus dois enormes dentes caninos, descomunais, vazando para muito além do beijo de baixo. Ele, o conde da Palma, era mais feio do que o conde Drácula.

Contei para Bernardo. Ficou um pouco encabulado. Depois saiu-me com esta: Que bonito talvez não fosse, mas que nesse caso devia o conde da Palma, a ele, Bernardo, uma imagem airosa. E nesse caso, tudo quitado.

Há paisagens históricas outras em Bernardo Élis. Mas a cidade de Goiás dos anos 30 e sua Corumbá natal são os cenários preferidos. Nesta nasceu, na outra educou-se. E esses dois cenários marcam inteiramente sua obra ficcional.

Os personagens,





não. Sempre são compósitos. Pelas suas inúmeras relações de amizade e parentesco com o povo dessas duas cidades, seus personagens, bons ou maus, não escrevem uma única biografia. Mistura várias biografias e muitas vezes traz casos de outras regiões, como o do incivilizado Tocantins antigo, onde, às vezes, toda uma vida só custava um tiro.

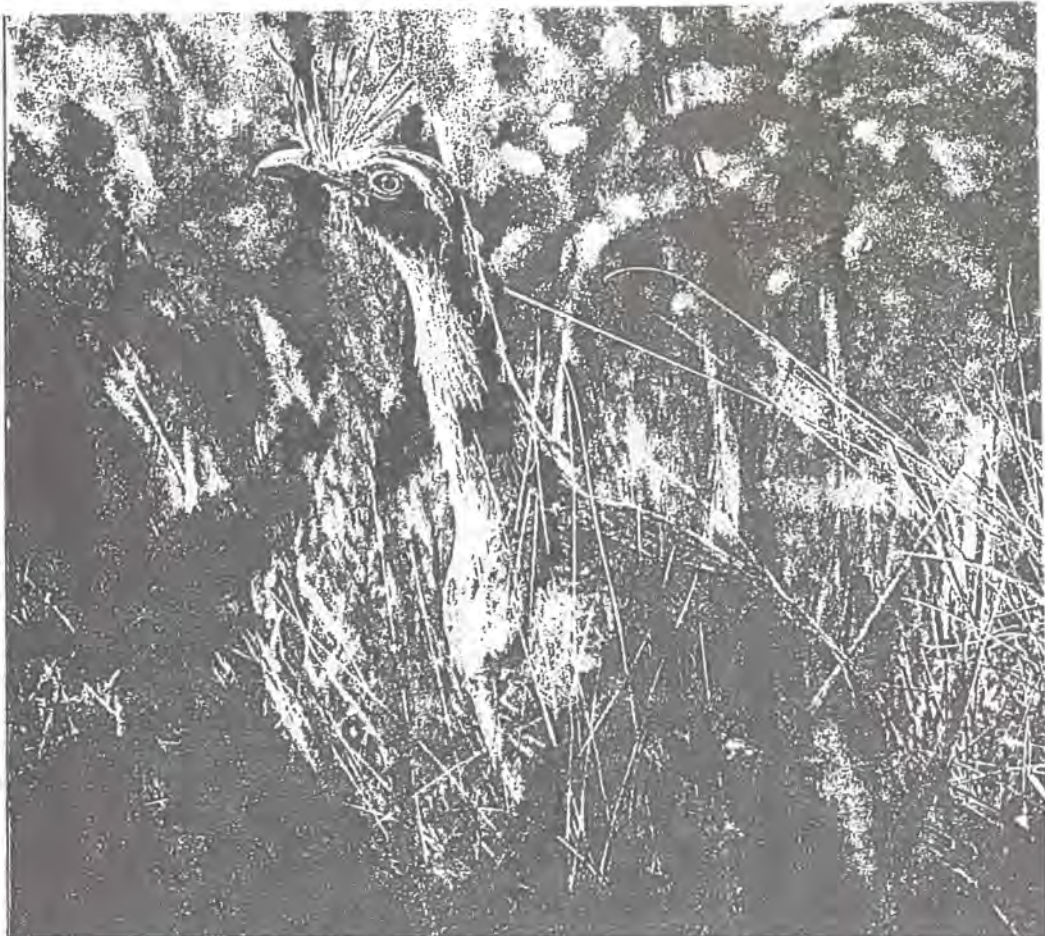
Mas a denúncia social persistia. Quando ruiu o muro de Berlim, o Bernardo simpaticamente das teses comunistas confidenciou-me da sua decepção, e, mais ainda, que, não fora a cobrança à coerência partidária, teria conduzido sua obra para outros rumos, que eu não sei que outros rumos seriam.

Mas por último já considerava que se o modelo soviético fracassara, arranhando uma certa concepção do socialismo, este ainda era um valor universal.

Entre ensaios e artigos Bernardo deixou cinco livros - dois deles de pesquisa histórica. Um, *Marechal Curado, criador do Exército Nacional* uma pesquisa intensa sobre esse seu antigo parente que tantos serviços prestou à pátria. Outro, *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil*, cujo personagem principal foi considerado o primeiro poeta goiano, ou melhor, o primeiro sujeito que fez poesia em Goiás, e que era mesmo enigmático, com uma vida toda misteriosa, deu o maior trabalho para Bernardo remontar.

Já os artigos são às dezenas, sobre os mais variados assuntos, mostrando a cultura universal do escritor corumbaense. Um deles particularmente me fascina, pois é o Bernardo Élis, que foi professor de geografia por tantos anos, que assim resume nossa condição planaltina:

*O relevo físico foi o grande dita-*



***Homem do cerrado, Bernardo Élis é uma das principais referências de renovação da literatura regionalista brasileira***

*dor da fixação humana, nos primeiros tempos, com vistas naturalmente aos fins então colimados da mineração de ouro. Na meia-encosta dos vãos localizavam-se as fazendas e as cidades. O homem escolhia a meia-encosta por ser o ponto mais viável. Na chapada havia os bons ares, a amenidade climática, o livre curso das correntes atmosféricas, mas em contrapartida havia a falta de matas próprias para as roças e, na estação da seca, a água potável escasseava, fator determinante do empobrecimento das pastagens. Já no mais profundo dos vales havia umidade em excesso e a maleita endêmica, com abundância de acidentes no terreno para dificultar o transporte e a comunicação, embora aí ocorressem as melhores matas para a lavoura e para a pastagem.*

Faleceu o homem Bernardo Élis, nasce a lenda Bernardo Élis. Foi Bernardo mais que um grande escritor. Era também o desenhista admi-

rável de um mundo que não existe mais, o observador arguto do Planalto Central antigo, de sua gente, seus costumes, no estado natural do bem e do mal - em contrafação com os tempos novos sonhadores inescrutáveis.

Era um homem imensamente culto, tanto de leitura quanto de observação e foi nessa condição, tão pouco entendida de muitos que escrevem, que Bernardo tornou-se o grande intérprete da alma planaltina, densa, profunda, perigosa, ardilosa. Ele sabia bem disto, sofreu dela e por ela.

Com Bernardo morreu toda uma era e todo um povo. Dizem, não há homem insubstituível, mas há homens imprescindíveis e Bernardo era um deles.

Tudo aqui agora, Bernardo, ficou menor e já não cantam as seriemas. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado morreu. Nasce a lenda Bernardo Élis.

*Paulo Bertran*, membro do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, é professor da UCG.



# O apanhador de cerejas

□ SILAS CORRÊA LEITE

*Tenho as mãos inúteis  
e murchas nas  
algibeiras da calça  
rancheira de homem  
do campo e nem está  
frio pra fora. Tenho os  
olhos fundos de  
chorar. As arapongas  
calaram o machado do  
corte repetidor. Não é  
dia de matar porcos e  
nem de jipe cinza  
levar e trazer  
mudanças.*

Sentado nessa cadeira de balanços, ao lado de tralhas de couro curtido, selas, pelegos, arreios, vejo ao longe um sol vestindo as calças curtas do horizonte. Por entre "calipiás" e coxilhas, onde gralhas azuis e garnizés silvestres esturricam teréns de cantos mansos e obreiros.

A tardinha é amena. Mas o meu íntimo é infinitamente triste. De-vereda, nem uma réstia de nuvem-lesma no toldo cinzazul dessa primavera teimando meio maio em Itararé.

Flores princesas ainda carregam nas nuances das cores vivas bucólicas. Borboletas de veludo andarilham rasantemente entre tulipas negras, marias-sem-vergonha e moedas de avencas.

No fim de um pequeno crepúsculo que minha parca visão de velho arigó alcança, vejo um estranho colhendo cerejas. E os pitos acesos das frutazinhas da árvore carregadinha sequer se anunciaram, espalhando odores tenros entre içãs e aleluias.

Parece que esse estranho Colhedor invadiu minha vida; sesmaria de terras que herdei dos meus finados pais, originários da beira do rio Tibagi, centro

do vizinho estado do Paraná, plagas do sul, celeiro do Brasil.

Causa-me estranheza que os cães de raça não latiram um nadica. Não fizeram o guaiú dos diabos de sempre, quando um qualquer de esquisito ou inusitado. Nem o Odorico Capataz acionou seus treinados vigias pés-vermelhos ou polacos. Posso ver o intruso com sua roupa larga, escura como o limbo, e o seu embornal alvo como narcisos de neve de gelo. Tem gestos lânguidos quando leva e traz os braços longos e claros, entrelaçando as mãos firmes num ténue ir e vir de colher os frutos que pra mim sequer existiam, mesmo que dados em época temporã, pois não é tempo deles, sequer flores as cerejeiras deram de abrirem ainda.

Estou com o coração transpassado de dor.

Bem que eu poderia acionar os lavradores da fazenda com um simples toque de berrante. Eles viriam, os campônios, com ancinhos, carabinas e bordões me prestar imediata ajuda. Amparar-me molóide e transfigurado como me resto feito lixo humano agora.

Bem perto de onde cismo, me as-





sunto, avalio a vida e observo o estranho, existem animais de segurança treinados para agirem com presteza dia e noite. Mas, o que adiantaria se eu os iscassem contra Ele?

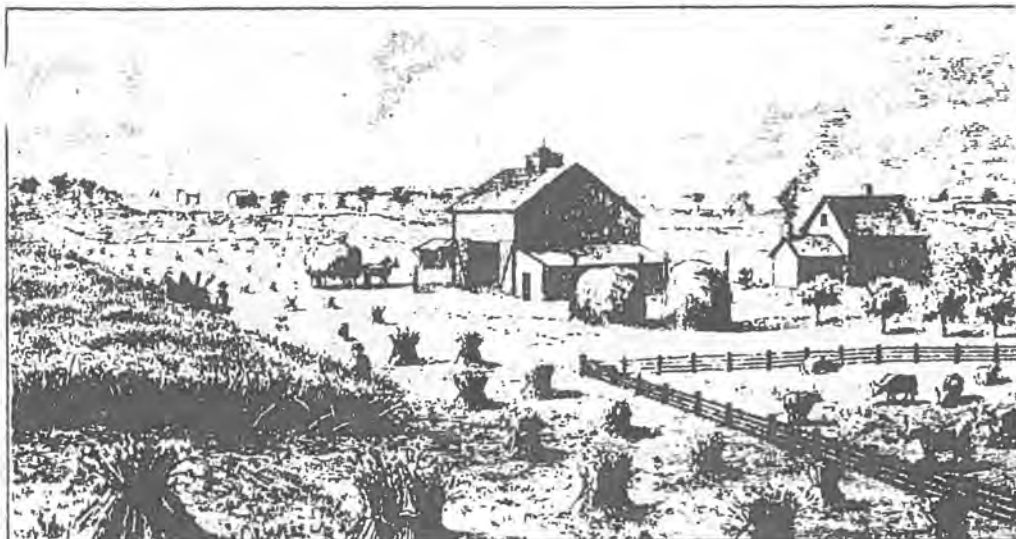
Não há o acordeom dos ventos sulinos nas viçadas quaresmeiras, não há fuligem na sombra. Nem picumãs no avesso estragado do meu ser. Tampouco o roda-cotia com cheiro de manjerona dos piás polacos com sardas e cabelos de milho. Muito menos o cheiro de pão de torresmo ou de bolo salgado de fubá caseiro. Sequer um só socado de monjolo no longe. É como se toda a natureza em préstimo de respeito e sentimento parasse a orquestra de acontecimentos sem fazer mixórdias sequer em mim mesmo. Ou do que me resto sendo feito um traste. Criando o inexistente.

O Apanhador de Cerejas veio!

E elas estão todas verdes. Não é tempo de colheita na seara da lavoura esperada, pretendida. Por isso tenho o coração com uma fenda, pisado, nesse espiar a lavra do gume temporão. Abatido, levado como se um barco tosco indo de bubuia no remanso-vazão com rendas de espumas flutuantes do rio Itararé.

A cerca de tabuinhas parece mais bonita com seu caiado recente. A rama de rosinhas tem pétalas manchadas de sangue de uma endoenças qualquer. A penumbra de um oitão infinito me divide, ceva, cereia. Estou sensibilizado ao extremo, como nunca dantes. E essa ternura traumatizada torna-me muito mais receptivo, "sentidor", amargo, radar do sensível, de sensorial extremamente atiado, aberto em viço cruel.

Tenho as mãos inúteis e murchas nas algibeiras da calça rancheira de homem do campo e nem está frio pra fora. Tenho os olhos fundos de chorar. As arapongas calaram o machado do cor-



te repetidor. Não é dia de matar porcos e nem de jipe cinza levar e trazer mudanças. Não há faniquito de quermesses íntimas e nem bandeirolas de acenos demorados. Apenas erranças e iluminuras.

Os aldeões aram um eito de terra com sua placenta vermelha. A tampa do poço salobre nenhuma vez fez builha de mergulho fundo, indo em busca de dentro.

Olho o Apanhador de Cerejas.

Ainda está ali, aguardando a minha demorada e triste aceitação íntima.

Pensei em acenar logo, concordando que o porqueira venha buscar o recibo do fenecer desse arigó que me resto entregue; espiando a vida cobrar seu dízimo. Pensei em pegar o badame e atirar em Deus, atirar para cima. Chamando rupturas inevitáveis. Pensei em fugir para o trigal amarelo com seus espantalhos de pose, até confundir-me com eles todos, ou restar-me para sempre feito um corvo. Mas de nada iria adiantar. Estou arrasado.

Não escuto o canto das lavadeiras no córrego dos Cananéias. As janelas recolheram cortinas de cavalos negros bordados a mão pelas aias finadas. A porta torneada tem no batente uma imagem oca de São Judas. E um cincerro enferrujado, inútil, reles. Estou cheio de angústias. De não se explicar assim com palavras, atos,

existências tímidas.

As cerejeiras formam quase uma procissão parada, respeitosa de silêncio cúmplice.

Pela estrada pedrenta que ornamenta minha área da casagrande, não peregrina há horas um cangussu, nem numa tigueria rente um sanhaço com guache moderado de esquisito arco-íris-marrom.

Somente o Apanhador de Cerejas orna sua delicada missão de dor e de Adeus; de algoz. Estou magoado e não acredito no que deu-se de haver na minha mais infinita e dolorosa sofrência.

Um exercício de perda...

Meu filhinho único, primogênito de apenas três aninhos, está deitado com seu corpinho de anjo na toalha de algodão cru. Inerte dentro de um pequenino catre de cedro... Vestido de morte, para sempre.

Por isso essa minha complacência com a pureza do simples. Com a sensibilidade de uma ceifa doendo muito. Por isso essa minha sensibilidade a tudo que me cerca, me rodeia, às conhecenças e sinais do derredor.

Somente eu, um orgulhoso de coração partido, posso ver o Apanhador de Cerejas.

Dono de Todas as Coisas - que veio buscar meu gurizinho - valha-me Deus! - piazzinho de nada.

Cereja Verde colhida antes do tempo.

*(Conto classificado no Mapa Cultural Paulista/Governo do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura)*

*Silas Corrêa Leite (Itararé/SP) é membro da União Brasileira de Escritores (UBE).*





A influência dos

# Contos lendários

nos nomes dos lugares

## do Distrito Federal

□ OLÍMPIO PEREIRA NETO

*O folclore do Planalto Central registra dezenas de lendas que, aos poucos, vão aflorando da história, na designação de pontos referenciais, lugares de destaque na vida do povo candango, no Plano Piloto e cidades-satélites.*

O existir cria o fato histórico e este requer sempre uma explicação racional e imaginária.

O imaginário está além das possibilidades do fazer humano, em determinado momento.

A imensidão dos descampados do Planalto Central brasileiro forma um cenário propício ao surgimento de ocorrências que dão asas ao imaginário, mistura do real

acrescido da parte de inventiva.

A lenda é um conto, uma história de um ocorrido ou de uma inventiva que é contada de pais para filhos, vai passando de geração em geração e fica, porém, não documentada.

É o caso das lendas do Distrito Federal. Primeiro a mais conhecida, a do Sobradinho do João de Barro, que emprestou seu nome à cidade-

satélite de Sobradinho, a das Águas Emendadas, que deu nome ao Parque das Águas Emendadas, a da Ave do Bosque ou do Barro do Pântano, que deu nome à cidade-satélite de Taguatinga, a do Campo da Esperança, da qual originou o Cemitério de Brasília, a da Papuda, que deu nome à fazenda, agora Penitenciária ou Presídio da Papuda e, por fim, a do Paranoá, que emprestou seu nome primeiro





ao maior veio fluvial do lugar e nomina mais de uma dezena de lugares ou casas comerciais no Distrito Federal.

O folclore do Planalto Central registra dezenas de lendas que, aos poucos, vão aflorando da história, na designação de pontos referenciais, lugares de destaque na vida do povo candango, no plano piloto e cidades-satélites. No entanto, contaremos, a seguir, as lendas do Campo da Esperança e do Paranoá.

## PARANOÁ

Quando por aqui não tinha gente civilizada, uma tribo dos Araés entrou a guerrear com outra dos Tocantins.

Ao final da derriça dos Tocantins sobre os Araés, sobra a índia laracuf que em desabalada carreira leva o filho nos braços. Sai da região do ribeiro Torto e se embrenha na floresta ao longe, além do rio, onde se livra dos perseguidores.

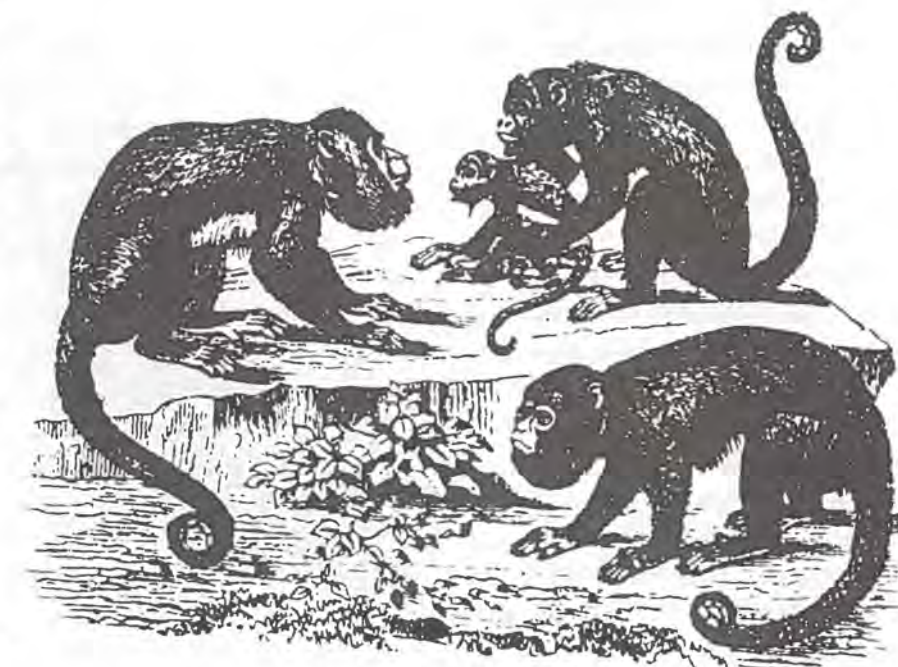
Iaracuf alimenta-se de frutos silvestres. Sobrevive dos recursos da natureza autóctone, amamenta o filho até os 10 meses e dá-lhe o nome de Paranoá.

Mãe e filho vivem e convivem entre si, fartando-se na mãe natureza, ajudados pelos conhecimentos que Iaracuf traz dos ancestrais.

Filho aculturado pela genitora.

Iaracuf parte para o Além e Paranoá vagueia sozinho na serra, nas margens do rio, e frequenta diariamente a cachoeira.

Após anos, chega o branco para apossar-se das terras, e, ao proceder ao reconhecimento dos lugares, encontra um índio aqui, ali e acolá. O mesmo personagem em



situações repetidas.

Com dificuldade, o índio comunica ao branco que seu nome é Paranoá. Repete-se o diálogo:

- Qual o nome do índio?

- Nome índio - Paranoá.

Planalto imenso, espaços abertos, horizontes alargados e céu ovalado ao dispor do homem chegado, que corria os lugares, vem, fica dono da terra e começa a produzir.

O caçador avisa:

- Vou caçar na serra do índio Paranoá.

O pescador:

- Matarei peixes no rio do silvícola Paranoá.

Os jovens banhistas:

- Vamos tomar banho na cachoeira do indígena Paranoá.

E o campeador de gado:

- As reses bebem nas águas do rio e se empastam na serra de saborosos frutos catáveis pelo índio solitário.

Dos povoadores planaltinos, o designativo toponímico para a serra, o rio e a cachoeira do Paranoá.

De estalo esquentam-se a idéia de construção da nova Capital do Brasil, no centro da Pátria.

E o homem já planaltense, do longe do seu isolamento e do fundo da solidão horizontal, desabafa:

- Ficamos pasmos...

E os goianos da época acham bom demais para ser verdade. O poder central vir para Goiás.

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, com seu entusiasmo, empolga o povo brasileiro, toma-se competitivo pelo trabalho na obra de materialização do pensar positivo, que se torna realidade, nas linhas retas da arquitetura de Niemeyer a cortar horizontes em argamassas, ferro e concreto armado.

Um dia, alguém contar-lhe-á o



que viu...

A faina de construir Brasília à febrilidade dum formigueiro e o mundo extasiava-se diante do que é visto...

As águas do rio correm serenas para rolarem agitadas e espumarentas pedreira abaixo na travessia da serra, ao formar a cachoeira, tudo denominado Paranoá.

A tecnologia se oferece para inovar com a construção da usina hidrelétrica. Constrói-se a barragem, fecham-se as comportas, as águas represadas fazem surgir o lago Paranoá.

Espelho d'água imenso para a cidade se mirar.

As asas e o piloto metafóricos do aparelho de voar, inventado pelo patricio Alberto Santos Dumont, são delineados no cerrado, sítio "Castanho" e se abarrotam de pessoas.

Paranoá - palavra de força na comunidade brasiliense - pela ordem é nome de: tribo, índio, fazenda, rio, cachoeira, barragem, lago, serra, cidade-satélite de Brasília, cinema, butique, empacotadora de cereais, torrefação e moagem de café.

Brasília cresce, cresce... cresce...  
Expande-se e se desenvolve.

O visitante sai do Plano Piloto, toma a Via Expressa, contorna o Lago Norte, o assentamento do Varjão, a Península, o Setor de Mansões Norte, a Casa da Dinda e vai conhecer a cidade-satélite do PARANOÁ.

### CAMPO DA ESPERANÇA

O povo diz que, na segunda



metade do século decorrido entre 1700 e 1800, os mercadores escravagistas da cidade de Santa Luzia, hoje, Luziânia/GO, no Centro-Oeste do Brasil, recompunham seus estoques no porto da cidade de Salvador/BA.

Os caminhos de Salvador para Luziânia cruzavam o Planalto Central e, quando um escravo adoecia ou se acidentava, era deixado no primeiro pouso para ser buscado quando tivesse condições de viagem ou era vendido por ali mesmo.

Numa leva dessas, vinha a escrava Esperança, que por uma perna quebrada ficou de arribada

numa fazenda qualquer dessas planuras de Deus e ninguém voltou para buscá-la; razão pela qual ficou livre, casou-se e veio morar nas vertentes do rio Paranoá.

Esperança e seu esposo fixaram morada naquela mina d'água antes existente nas proximidades dos atuais palácios do Congresso e do Planalto, Praça dos Três Poderes - Brasília.

O casal teve filhos. Depois Esperança ficou viúva, viveu pobre; cheia de carismas, passou a receitar remédios feitos com

raízes e virou benzedeira muito acreditada, além de parteira renomada.

Ao envelhecer, dona Esperança apresentou sintomas da doença do sangue, ficou morfética, mas continuou atendendo a todos que a procurassem para as rezas e receitas de mezinhas.

Dona Esperança era muito querida pelos vizinhos, apesar dos preconceitos contra a doença que, já em estado adiantado, necrosava-lhe os membros, bem assim os lóbulos das orelhas e os dedos das mãos e dos pés.

Certo dia veio a pneumonia, com ela a descompensação, e dona Esperança morreu.

No velório, seus descendentes e vizinhos discutiam onde sepultar o corpo de dona Esperança.

Na região não havia cemitério público, e nos campos santos das fazendas próximas, o corpo da falecida não foi admitido devido à rejeição ao mal da hanseníase.

- Em meu cemitério não deixo



sepultar cadáver de morfético.

- No meu também não.

Esgotaram-se tais possibilidades.

Por fim alguém sugere sepultarem dona Esperança na vargenzinha sempre verde, próxima da estrada real, no espigão vermelho. Resolvido e tudo combinado. Abriram a sepultura naqueles ermos solitários, procederam ao sepultamento do corpo da falecida. No sétimo dia, parentes e amigos reunidos estaquearam a sepultura, levantaram o cruzeiro, rezaram terço e voltaram para suas casas.

Agora a alma da velha sepulta opera milagres, e o lugar em que seu corpo ficou enterrado tornou-se conhecido por Campo da Esperança.

O campeiro diz aos companheiros:

- Encontrei o gado lá no Campo da Esperança.

E o caçador relata:

- Matei a caça perto do Campo da Esperança - e assim por diante.

O tempo passou, iniciou-se a construção de Brasília. Os engenheiros Bernardo Sayão e Joffre Mozart Parada, andando por aí no jeep Maracangalha, saem no Campo da Esperança e vêem os vestígios da sepultura da ex-escrava e outros pobres enterrados, posteriormente, junto dela.

Bernardo Sayão desce da condução, mira o horizonte em volta e o sol, à meia altura do lado leste, parece ter luz mais clara para a vargenzinha do Campo da Esperança. Em

tom meditativo diz:

- Olha, Joffre, aqui vamos localizar o cemitério da nova Capital do Brasil.

- E como se chamará o novo cemitério, Sayão?

- Conservará o nome atual: Campo da Esperança.

Os candangos, até então, eram sepultados no espaço entre o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel, cujo local foi encoberto pelas águas do lago Paranoá, para evitar profanação.

Bernardo Sayão foi construir a rodovia Brasília - Belém e caiu morto por um galho de árvore, que o alcançou num acampamento às margens da estrada em plena selva amazônica.

Os altos escalões da República e os membros de sua família

decidem sepultá-lo em Brasília e sua cova ficou sendo o novo marco fundamental do cemitério definitivo da nova Capital Federal.

O engenheiro Joffre Parada pegou um trator de esteira e abriu a estrada do Núcleo Bandeirante ao local do sepultamento. Este companheiro inseparável de Sayão providenciou tudo a tempo e a hora para que o corpo do amigo e companheiro do pioneirismo pudesse descansar em paz.

O engenheiro Bernardo Sayão foi sepultado sob forte comoção nacional e seu túmulo é o número um da nova etapa do Campo da Esperança.

Esta é a história da fundação desta necrópole chamada CAMPO DA ESPERANÇA - Brasília - Distrito Federal/Brasil.





# Miguel Torga e Leopoldina

***Pomo-nos a imaginar a impressão que a então pequena Leopoldina terá causado naquele jovem de Trás-os-Montes, já há cerca de quatro anos no Brasil, trabalhando em Banco Verde, na fazenda de um tio que prometera custear-lhe os estudos, para não ser um simples lavrador, como fora o pai.***

□ JOSÉ JERONYMO RIVERA

Já sabíamos da passagem do grande escritor português Miguel Torga por Leopoldina, quando ainda jovem estudante, na década de 1920. Foi ele ou-

tro vulto literário de valor que mais tarde veio associar-se às tradições do burgo mineiro que merecidamente recebeu o epíteto de "Atenas Mineira", e que teve entre seus moradores ilustres ninguém menos que um Augusto dos Anjos, o inesquecível autor do *Eu e outras poesias*, que ali faleceu em 1914, após dirigir o grupo escolar que hoje tem seu nome.

Mas Miguel Torga não apenas residiu em Leopoldina nos idos de 1924, como foi aluno do então Ginásio Leopoldinense, fundado não muitos anos antes pelos irmãos José e Custódio Ribeiro Junqueira. Curioso é que em seu livro de memórias *A Criação do mundo* o futuro autor dos *Poemas ibéricos* e dos 16 volumes dos *Diários*, além de importantes obras em prosa, como os *Contos da montanha* e *Novos contos da montanha*, entre tantos outros trabalhos literários que chegaram a justificar a proposição de seu nome para o Prêmio Nobel de Literatura, refere-se a Leopoldina como "Ribeirão", e ao Ginásio como "Ribeirense" - por que razão?

Tantos anos depois, nós, que na década de 50, tivemos o privilégio de passar parte importante de nossa mocidade em Leopoldina, em cujo então Colégio fomos alunos de mestres como, entre outros, os ilustres professores Joaquim Guedes Machado, Lydio Bandeira de Mello e Geraldo de Vasconcelos Barcelos - este recentemente falecido, e





a cuja memória prestamos aqui sentida homenagem, que estendemos aos queridos diretores Monsenhor Guilherme de Oliveira e Alziro de Azevedo Carvalho, sempre lembrados com carinho pelos antigos alunos; nós que, vindos de outras terras, passados quase 50 anos, ainda nos lembramos dos momentos felizes que vivemos em Leopoldina, pomo-nos a imaginar a impressão que a então pequena cidade terá causado naquele jovem de Trás-os-Montes, já há cerca de quatro anos no Brasil, trabalhando em Banco Verde, na fazenda de um tio que prometera custear-lhe os estudos,

para não ser um simples lavrador, como fora o pai, em sua tão pobre São Martinho de Anta, no concelho de Vila Real.

E, agora, ocorre-nos perguntar: haverá ainda em Leopoldina, ou nas cidades vizinhas, ou mesmo em algum local mais distante - que sempre foi grande a área de influência de seu famoso educandário - algum ex-aluno contemporâneo que se recorde do jovem de 16 anos que no registro civil se chamou Adolfo Corrêa da Rocha, como consta no Livro de Matrícula de 1924? Este é o apelo que aqui deixamos aos colegas mais antigos, e a seus familiares, que porventura tenham alguma lembrança daquele jovem português que imaginamos, por seus livros, muito tímido, talvez introvertido e solitário, e que, mais tarde, após se formar em medicina, em 1933, pela Universidade de Coimbra, dedicou-se - ao mesmo tempo em que cuidava, como otorrinolaringologista, de seus clientes, inclusive daqueles que não podiam pagar-lhe a consulta -, a construir uma obra literária, em prosa e verso, de mais de 50 volumes, rico repositório de seu



acendrado amor pelos humildes, de que deu provas com as posições decididamente corajosas que, em época de ditadura, assumiu em favor da liberdade e da igualdade de direitos, o que lhe valeu até mesmo um período de prisão.

Falecido a 17 de janeiro de 1995, após longa enfermidade, Miguel Torga vem recebendo, em Portugal, no Brasil e em muitos outros países em que teve seus livros traduzidos e publicados, manifestações expressivas do reconhecimento que sua memória merece. Entre estas, uma das mais importantes é a Fotobiobibliografia que lhe dedicou o ilustre pesquisador José de Melo, publicada em 1995 pela Estante Editora, de Aveiro, e na qual, em recente viagem a Portugal, ao visitarmos na bela cidade do Porto a sua encantadora Livraria Lello & Irmãos, tivemos a satisfação de encontrar, além de simpáticas referências à passagem de Miguel Torga por Leopoldina e seu

Ginásio - de que cita todas as denominações, até a atual de Escola Estadual Prof. Botelho Reis -, belas fotografias da cidade, de seu educandário e da antiga estação de trem, e até mesmo pitoresca gravura com a Lenda do Feijão Cru... Mas qual não foi a nossa surpresa ao encontrarmos lá, também, a reprodução da 1ª página do número especial do nosso saudoso jornalzinho "Três de Junho", publicada em 1981, por ocasião da festa dos 75 anos do Colégio, e em que, ao lado dos saudosos professores Alziro Carvalho e Gustavo Monteiro de Castro Júnior, e também de companheiros como Anderson Braga Horta, José Herberto Dias e Deodato Rivera, entre outros amigos, lembrávamos os idos de 53, quando por breve período fizéramos reviver o modesto jornal mensal que circulou, infelizmente, durante apenas sete meses, e que orgulhosamente denominávamos "Órgão dos Alunos do Colégio Leopoldinense"...





# Dor e riso na memória e na imaginação

□ IVANILDA BARBOSA

**A Majestade do Xingu** - Moacyr Scliar.  
S. Paulo: Companhia das Letras, 1997,  
210 pp.

Num leito da UTI de um hospital em São Paulo, na década de 80, o personagem imigrante judeu russo perfaz a trajetória de sua vinda e permanência no Brasil, juntamente com a de outros tantos judeus que imigraram para a América, fugindo da miséria, da tuberculose e da violência dos impérios dos tzars, nas primeiras décadas do século XX. Aldeões ou não, a "gente judia" estava sempre exposta a perseguições. A América do Sul, "onde tudo estava por fazer" se apresenta como um lugar promissor, em que "essa gente" pudesse "escapar daquele permanente terror", através da intermediação de filantropos judeus da Europa dos Rotschild e dos Montefiore.

É no Madeira, um navio cargueiro adaptado para transporte de imigrantes, que tem início a travessia de duas jovens vidas - dois destinos: a do personagem-narrador e de seu companheiro de viagem, Noel Nutels. Ao representá-la, o autor a transforma na travessia de milhares de jovens imigrantes que vão construir sua identidade na terra estrangeira, à medida que à cultura de origem (idioma, religião, trabalho, hábitos familiares, localidades) vão se acrescentando outros valores, outras práticas, outra língua, outros espaços, enfim, outra história.

O passado do imigrante judeu - que é forçado a deixar seu país de origem, sem nunca relegá-lo ao esquecimento - é incorporado pela história dessa terra estrangeira, numa dinâmica narrativa em que se entrecruzam as camadas de tempo e espaço, nos quais se constrói a identidade do personagem-narrador.

As imagens evocadas pelo narrador nos levam à aldeia russa na fronteira com a Romênia e à aldeia indígena em pleno Xingu; a Anamiev e a Lage do Canhoto, a Kiev e a Recife, bem como ao massacre dos judeus pelos pogrons, e ao massacre dos índios na América, à militância do jovem Oravilo Princip, na Áustria, e à militância estudantil dos anos 60 no Brasil.

O clima é de confissão: o paciente institui o médico - o doutor - seu confessor. Um misto de emoção e de razão (o personagem tem o desejo de contar a história de Noel Nutels para que se mantenha viva



**É no Madeira, um navio cargueiro adaptado para transporte de imigrantes, que tem início a travessia de duas jovens vidas - dois destinos: a do personagem-narrador e de seu companheiro de viagem, Noel Nutels.**



a memória do companheiro de infância) faz aflorar as lembranças. E a narrativa flui rápida como se o narrador temesse não concluir seu intento. Não se sabe o que é fato e o que é invenção. Mas, como afirma Aristóteles, em seu *Tratado de memória e reminiscência*: "As coisas, que em si próprias são objetos da memória, são todas aquelas que dependem da imaginação".

As constantes referências ao doutor pontuam o momento da enunciação, ao mesmo tempo que nos induzem a ver no doutor o suposto autor do romance que ora se lê.

Assim, História, memória e imaginação estão, simbolicamente, constituídas no discurso narrativo. As camadas de espaço e tempo representadas

no nível da história se materializam nos múltiplos discursos. Ora o discurso direto, ora o indireto livre presentificam as falas da avó judia, prevendo o pogrom, e do pajé, prevendo a aculturação de seu povo; o discurso do homem de Kiev arregimentando os imigrantes e do corretor de imóveis intermediando a venda da loja - ambos arrancando de outrem os signos de sua história; as falas de Anchieta e de Isaak Babel, de Noel e dos generais, do pai e do filho judeus. Ganha voz a mulher judia, a mãe revolucionária e a jovem militante do PCB; a mulher que, sendo judia, retorna ao seu povo e vai morar no kibutz.

E sob todos esses discursos pode-se perceber a voz do doutor (suposto

autor). Ao falar da "tísica" na Rússia ou no Brasil, na aplicação da penicilina, na amputação do braço do pai, o discurso médico se faz presente. E é esta voz que, pela "mão negra" do destino, anuncia as memórias que o seu paciente lhe confessa no leito da UTI, no desejo de imortalizar a memória de Noel Nutels. No entanto, com a memória de Noel imortaliza-se a memória da gente judia, migrantes espalhados entre as muitas "terras prometidas", numa narrativa em que se harmonizam esteticamente a dor e o riso na representação da História.

Ivanilda Barbosa é professora do Departamento de Língua e Literatura da Universidade de Uberaba e mestranda em Literatura Brasileira na UnB.

## A Majestade do Xingu: outro "quase-romance"?

□ ARTUR EMÍLIO ALARCON VAZ

À semelhança, em alguns aspectos, de *Quase memória* do Cony, *A Majestade do Xingu* percorre um caminho que não pretende distinguir biografia, história ou ficção. Essa indistinção passa, logicamente, pelo narrador ficcionalizado, que apropria, simultaneamente ou não, características próprias da biografia, da história, do romance, assim como de narrativas orais (outras que a mãe do doutor não conhecia).

O narrador, talvez delirando à beira da morte (lembra-se de *O narrador*, de Benjamim?), faz uma autobiografia entremeadada da biografia de Noel Nutels e da história brasileira desse século. O próprio Scliar diz que "a situação do narrador, doente num hospital, talvez sedado, introduz um elemento de dúvida sobre o que ele narra".

E o leitor fica sempre assim: em dúvida. Esse trecho é ficção? Isso é dado histórico? Isso é biografia? Ou será autobiografia? Mas *A Majestade do Xingu* não pretende, em nenhum momento, responder antigas questões.

Scliar pretende aproveitar as situações que só são possíveis nesse intercâmbio de gêneros ao imbricar ficção e história, ao unir fabulação e rememoração autobiográfica com o discurso histórico.

Nessa mescla intencional, o texto

acaba por mostrar que a biografia *stricto sensu*, mesmo não admitindo, é um intercruzamento de discursos, assim como "des-cobre" que as verdades históricas também foram conseguidas através de testemunhos e testemunhas, ou seja, narradores.

Poderia considerar todo o livro como ficção (talvez assim queira o autor), mas pretendo desmontar algumas partes e demonstrar como o narrador ficcional possui proximidades com esses três enunciadore citados.

Assim como um biógrafo "tradicional", o narrador tem uma identificação e uma admiração pelo biografado ("Todos falavam em Noel Nutels. [...] Perto do Noel, eu não tinha importância nenhuma"). O narrador-biógrafo sabe todos os pormenores da vida de seu objeto ("Tenho toda a vida de Noel nessa pasta que está aí") e assume que há diferença entre o real "vivido" e o "mostrado", pois organizou e selecionou, inconscientemente ou não, os fatos narrados sobre o "passado vivido": "Não mencionei a história..."

A relação com um historiador dá-se através do contexto colocado em torno de si e de Noel, assim como de outras pessoas-personagens retratadas: Rubem Braga, Getúlio Vargas, etc. Narrando o que o golpe de 1º de abril (dia emblemático) de 64 causou em

sua família, o narrador leva a crer que a revisão do individual pode servir para revisar o coletivo. O narrador explicita, ao contrário dos historiadores, que aquilo que mostra é a sua visão dos fatos, e que em tudo o que conta há versões: "segundo se comentava (...) dizem".

Até mesmo uma relação com o narrador oral pode ser feita através das micro-histórias existentes, como as da indiazinha e dos judeus. As personagens dessas sub-histórias são - assim como nos livros infantis - inominadas, ampliando a importância dos fatos, pois não personalizam, diretamente, os episódios e, por consequência, as experiências neles contidas. Muito mais tinha para falar: da fragmentação e solidão do narrador, das metalinguagens, dos lugares das instâncias narrativas, das... De forma sintética, expus um caminho de leitura, mostrando evidências e escondendo falhas (alguém já disse isso, não?). Talvez esse texto mais pergunte do que explique, mas quem gosta de respostas? Prefiro sempre talvez, quem sabe, porventura...

Artur Emílio Alarcon Vaz é mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina.



## Re-in/sacando a poesia

Câmara Legislativa do Distrito Federal

**Presidente:** Lucia Carvalho**Vice-Presidente:** Luiz Estevão**1º Secretário:** José Edmar**2º Secretário:** Benício Tavares**3º Secretário:** João de Deus**Conselho Editorial**

João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H. Serra Azul, J. Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, Lenine Fluzza, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargedon)

**Coordenador de Editoração e****Produção Gráfica:** Randal Junqueira**Editor DF Letras:** Chico Nóbrega**Programação Visual:** Marcos Lisboa**Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini**Capa:** Equipe da DF Letras**Fotografia:** Fábio Rivas, Sílvia Abdon,

Carlos Oandra e Rinaldo Morelli

**Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro,

Olória Iracema D. F. Alencar e Vania

Maria Rego Codeço

**Ilustração:** Ana Caçador**Digitização:** Gilberto Lucas, Chrissoula

Pappas e Sérgio Cáceres

**Chefe da Seção de Editoração:**

Ivan Carvalho

**Equipe:**

Antônio Eufrauzino, Cláudio de Deus,

Cláudio Oardin, Dino Souza, Hélio

Araújo, Marcelo Perrone, Múrcia

Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein,

Oscar Monterrojas e Teobaldo André

**Chefe da Seção Gráfica:**

Eucyr Muniz da Silva

**Equipe:**

Abimael Amorim, Adailton Oodoy,

Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos

Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso

Santana, Cláudio Quilici, Denilson

Caldas, Edson de Lima, Francisco C.

Bezerra, Olacy Barrozo, Irani de S. P.

Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonas

Martins, José C. de Sousa, José Oomes,

José Bergamaschi, José de

Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz

Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otínel S.

Fonseca, Raimundo Nonato T.

Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião

Peres, Sílvia R. Fonseca, e Vicente Lima

**Tiragem:** 5 mil exemplares

Esta edição compreende os números

47/50, meses de janeiro, fevereiro,

março e abril/1998.

Os autores das matérias publicadas não

recebem qualquer valor pecuniário e é

de sua inteira responsabilidade o

conteúdo das mesmas.

**Redação:** CEPG

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8413

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

Em 1993 criei o projeto In/sacando a poesia, que consistia em colocar poesia dentro de saquinhos de embrulhar pães nas padarias. Por ser uma idéia original e ousada, foi comentada entre pessoas e órgãos literários e da imprensa em todos os cantos do País. Inclusive um jornal ou revista daí, da Câmara Legislativa de Brasília, fez um caderno especial sobre o assunto. Perdoe-me a não lembrança do nome da revista, pois meus arquivos contêm mais de 3.000

recortes de jornais e similares, e como todo poeta tem um pouco de relaxado, a referida revista se encontra em alguma pasta, na bagunça do meu quarto.

Foram editados seis volumes até 1995. As dificuldades para publicá-los encheram-me o saco e publiquei o último volume. No ano passado várias pessoas começaram a cobrar-me a volta desse projeto. Relutei um pouco, mas a voz da maioria venceu. Tá então o volume 1 do Re-in/

sacando a poesia. Espero que curtam, que gostem, tanto quanto eu gosto.

No mais, achei a DF Letras excelente. Uma linguagem simples, além de bastante literária. O ensaio sobre meu amigo, o saudoso Drummond, mexeu muito com a minha emoção. Ótima a entrevista com Altamar Pimentel. Enfim, quero continuar recebendo sempre essa revista.

Abraços deste leitor amigo,

**Rogério Salgado**  
Belo Horizonte/MG

**Pensar**

A revista que nos faz pensar e entender a vida. A matéria referente a José Godoy, na DF Letras nº 35/38, está ótima, como tantas outras já publicadas. Eta revista porretal

**Ana Cláudia A. Santos**

Colider/MT

prestada ao grande escritor brasileiro, Jorge Amado.

Na capital potiguar, continuo à disposição de V. Sa.

Atenciosamente

**Jesse da C. Braga**

Natal/RN

**Envaidecido**

Acuso o recebimento da magnífica revista DF Letras nº 44/46, que me deixou extasiado e envaidecido. Tem qualidade literária ímpar e a justíssima homenagem ao nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade.

Desejo sucesso, e que continuem assim, espalhando muita arte, muita poesia, para os quatro cantos do nosso quando país.

Atenciosamente

**Carlos Galeno - Belém/PA****Excelente**

Agradeço o envio da sempre brilhante DF Letras nº 39/43. Conteúdo literário excelente. Toda a revista é talento puro em seus artigos. Excelente revista para se ler e divulgar, que é o que venho fazendo.

Parabéns! Abraços.

**Oswald de Carvalho**

Rio de Janeiro/RJ

**Pesquisas I**

Através da Revista do Escritor Brasileiro, tomamos co-

nhecimento de uma publicação da Câmara Legislativa do Distrito Federal - Revista DF Letras - da qual solicitamos mensalmente um exemplar para a Biblioteca Pública Municipal Ismael Pordeus, pois acreditamos que a mesma será de grande importância para as pesquisas escolares aqui desenvolvidas.

Na certeza do pronto atendimento, firmamo-nos com agradecimentos antecipados.

Atenciosamente,

**Solange M. F. de Sousa**  
Quixeramobim/CE

**Pesquisas II**

Apresento meus agradecimentos pelo recebimento, com frequência, desse periódico, que divulga a literatura e a história do Centro-Oeste brasileiro.

Outrossim, nos números 21 e 22, no artigo de Bernardo Ellis, foram citadas as obras de Paulo Bertran, *Formação Econômica de Goiás e História da Terra e do Homem no Planalto Central*, que desejo saber como obter, sendo as mesmas alvo de meus estudos sobre o Brasil Central.

No aguardo de uma pronta resposta, antecipo meus agradecimentos.

Cordialmente,

**Norberto Salvadori**  
São Paulo/SP



## Timor Leste

No início de 1998, o presidente da Academia de Letras de Brasília, Mauro Castro, realizou duas importantes visitas ao Rio de Janeiro em missão cultural. Acompanhado do embaixador da Academia, o Prof. Dr. Heitor de M. Quintella, que atuou como porta-voz da presidência no lançamento de campanhas em defesa da língua portuguesa em todo o mundo, Mauro Castro levou aos escritores visitados uma mensagem de mobilização.

Duas visitas se destacaram: à Academia Brasileira de Letras, onde foram recebidos pelo presidente Arnaldo Niskier, e à Federação das Academias de Letras do Brasil, onde houve inclusive uma homenagem especial à Academia de Letras de Brasília.

Em ambas as ocasiões foi proposta uma grande mobilização de todos os escritores nacionais visando a garantia de independência e soberania do Timor Leste.

## FÓRUM



### Preciosidade

O pesquisador e vereador de Valença (RJ), José Luiz Ramos, descobriu uma preciosidade nos registros do Cartório daquela cidade. Ele localizou os originais da certidão de nascimento da nossa diva maior do teatro brasileiro, Dulcina de Moraes, que, se estivesse viva, teria feito 90 anos em 4 de fevereiro passado. O original da certidão de nascimento faz parte agora do acervo do Museu de História e Arte de Valença.

O Fórum Brasília de Cultura reuniu-se pela primeira vez neste ano no final de março passado, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico do DF, sob a presidência do escritor e poeta Newton Rossi, para ouvir a exposição da escritora Branca Bakaj sobre a trajetória da crônica através da história literária. Professora de Letras de várias faculdades do Distrito Federal, Branca é autora de livros e foi assessora da Mesa Diretora do Senado Federal por mais de 30 anos. Neste ano o Fórum Brasília completa sete anos de atividades, estimulando a cultura no Distrito Federal. Segundo Newton Rossi, o Fórum tem como objetivo reunir pessoas que buscam as mesmas idéias para modificar a sociedade e "transformar pensamentos e idéias em ações", frisa.

### Luz & Autor em Braille

O II Concurso Dos Melhores Livros em Incentivo à Unidade, junto a outros, do Tólio e País, da Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, também menção honrosa ao Projeto Luz & Autor em Braille, da professora Dinora e outros, de Brasília. A comissão julgadora do concurso analisou 135 projetos enviados de todas as regiões do Brasil.



No último dia 30 de março, a escritora e conselheira da Revista DF Letras, Palmerinda Vidal Donato (foto), recebeu da Câmara Legislativa do DF o título de Cidadã Honorária de Brasília. A proposta é de autoria da deputada distrital Lucia Carvalho, presidente da CLDF. A solenidade contou com a presença de várias autoridades e escritores, entre eles o Secretário de Cultura do DF, Hamilton Pereira da Silva, Aluisio Napoleão, Gustavo Dourado (Amargedon) e Adirson Vasconcelos. Segundo Lucia Carvalho, Palmerinda Donato faz parte da memória viva-candanga. "A convite de Juscelino Kubitschek, a escritora participou de momentos importantes, como o lançamento da pedra fundamental da Catedral Metropolitana, bem como da própria inauguração da cidade", lembrou.

### O Anjo

O escritor e músico Magu Catabranca deverá lançar brevemente o seu segundo livro, *O anjo*, com prefácio do jornalista Ricardo Amaral e do poeta Gustavo Dourado (Amargedon). As ilustrações são de Toninho de Sousa e as fotografias de Sérgio Lima e Dida Sampaio. É esperar e conferir.



# O N I D L A G

No dia 12 de agosto de 1997, foi divulgada a sentença da presidência do Tribunal do Júri de Brasília desqualificando o crime cometido por cinco jovens contra Galdino, Pataxó Hã-Hã-Hã, de "homicídio doloso" para "lesões corporais seguidas de morte". Os jovens encontraram Galdino dormindo numa parada de ônibus. Sobre ele despejaram litros de álcool e atearam fogo. Os termos jurídicos necessários à classificação de homicídio são: motivo torpe, nenhuma possibilidade de defesa e meio cruel.

## ou a morte por diferença

*I  
O final precedido do descuido:  
lesão corporal seguida de morte  
Outra, a morte por cálculo:  
os litros de fogo e álcool  
no corpo estirado na pedra*

*A variedade da morte  
em catálogo: quem escolhe?  
a própria, a de outrem?  
De Galdino, a mais violenta  
a morte por lapso, indiferença*

*II  
Os termos são:  
1. o meio cruel: a cama industrializada  
o acabamento em chuma  
2. o motivo torpe: o cinema  
de bairro da agonia  
3. a defesa impossível:  
nus pernas  
e em toda a extensão, a lava*

*Você, Galdino  
queimado por desporto  
inteiro morreu em todas as partes  
morte triplíce  
três vezes qualificada*

*III  
Pataxó Hã-Hã-Hã eu também  
sem bordunas e veneno  
de outras flechas  
martelo as vozes  
do seu réquiem:*

*como reconhecer um homem*

*se só o ouvimos ao longe?  
como reconhecer um homem  
se o vemos remoto, distante?  
pelas vestes que cobrem o corpo?  
pelo corpo sem mais, desnudo?  
pelos gritos como palavras?*

*um homem, como ele é por perto?  
frente a si mesmo, cara a cara?  
como reconhecer um homem, a sua laia?  
pelo gênero ou espécie?*

*Sem traços que o distingam  
(irremediável longínquo)  
somente riscos que o igualam  
não se faz reconhecer, um homem  
é só quem reconhece*

*IV  
Por tão pouco  
não és Pedro, Galdino  
estranho por quase  
menos que outro  
nem chegas a José*

*O jaez  
a diferença do homicídio  
é que faz  
Morto, não saldou  
seu débito ainda  
também, Galdino  
ero por demais menos  
no terreno em que se joga a pá  
(dada a sentença)  
do homicídio por diferença.*

*(Hermenegildo Bastos)*